

Da Anormalidade do Campo Literário Galego e da Centralidade de Ferrín

Carlos Quiroga

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

QUIROGA, CARLOS (2011 [2000]). “Da Anormalidade do Campo Literário Galego e da Centralidade de Ferrín”. En José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Servicio de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 771-816. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/167>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

QUIROGA, CARLOS (2000). “Da Anormalidade do Campo Literário Galego e da Centralidade de Ferrín”. En José Luís Rodríguez (ed.), *Estudos dedicados a Ricardo Carvalho Calero*. Santiago de Compostela: Parlamento de Galicia / Servicio de Publicacións e Intercambio científico da Universidade de Santiago de Compostela, 771-816.

* Edición dispoñíbel desde o 7 de febreiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

de todos os modos, terminará sendo de grande utilidade para o ensino cando se normativicen de vez os textos escolmados nunha segunda edición, porque por desgracia nesta primeira hai máis erros dos que sería conveniente para calquera texto que se pretenda normativizado.” (Capelán Rey 1985: 249-251).

A1. corpus narrativo

Reunimos um *corpus* de 100 páginas, pertencentes a dez volumes de relatos ou romances de Méndez Ferrín, dez páginas de cada um deles. Cada um destes sub-conjuntos é designado com umha etiqueta de cinco letras (tiradas dalgumha palabra representativa do título), e servirám-nos para elaborar tabelas contrastivas, no caso de que estas tenham interesse, ou para simplesmente designar a pertença dos exemplos indicados. As etiquetas identificadoras (na ordem cronológica das edições utilizadas -mas nom das primeiras edições absolutas, que em geral nom están ao nosso alcance), e as páginas aleatoriamente escolhidas som as que seguem¹³:

Elips = (*Elipsis e outras sombras*), páginas: 9, 10, 11, 35, 47, 55, 65, 75, 91, 92 e 93;

Cróni = (*Crónica de nós*), páginas: 13, 25, 26, 27, 45, 46, 65, 75, 83 e 84;

Perci = (*Percival e outras histórias*), páginas: 15, 27, 41, 44, 45, 51, 59, 65, 73 e 81;

Arrab = (*Arrabaldo do norte*), páginas: 9, 21, 39, 40, 41, 63, 64, 65, 89 e 113;

Artur = (*Amor de Artur*), páginas: 11, 15, 19, 53, 73, 79, 113, 125, 126 e 127;

Retor = (*Retorno a Tagen Ata*), páginas: 15, 27, 31, 37, 38, 39, 49, 57, 65 e 71;

Breta = (*Bretaña, Esmeraldina*), páginas: 9, 22, 34, 47, 59, 72, 87, 101, 118 e 132;

Antón = (*Antón e os inocentes*), páginas: 15, 29, 39, 51, 59, 69, 77, 91, 99 e 111;

Crepú = (*O crepúsculo e as formigas*), páginas: 25, 31, 41, 47, 57, 73, 83, 87, 95 e 105;

Arrai = (*Arraianos*), páginas: 15, 49, 57, 71, 93, 105, 121, 137, 151 e 159.

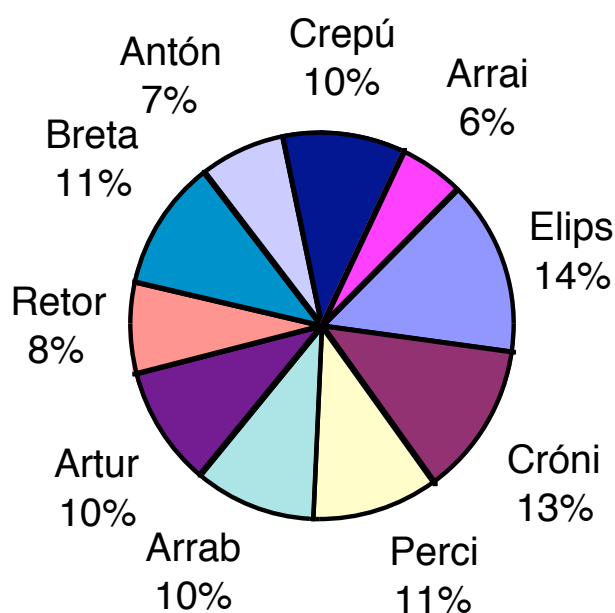
Dos dez conjuntos narrativos enumerados, os oito últimos som editados ou reeditados com posterioridade à publicação das *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego* (Normas 1982)¹⁴: inéditos que saíram à luz só depois deste ano em primeira edição, apenas

¹³ As etiquetas seguem a ser usadas nos exemplos e nas referências bibliográficas finais.

¹⁴ As nossas citações remetem para a 12ª edição, de 1995; mas o texto está “revisado, actualizado e ampliado”, segundo a Nota inicial, p. 5, mantendo os mesmos princípios: “A esta altura pareceunos necesario

Bretaña, Esmeraldina e Arraianos. Essas oito obras também coincidem ou som posteriores em edição ou reedição com o *Estudo Crítico* (1983) das anteriores Normas. Os cinco últimos, ainda, som editados ou reeditados com posterioridade à publicação do *Prontuário Ortográfico Galego* (Prontuário 1985) e da *Gramática Galega* (Gramática2 1986); inéditos que vissem a luz em primeira edição só depois, apenas as mesmas duas obras mencionadas. As três últimas obras até aparecem, nas edições que seguimos, depois do *Guia Prático de Verbos Galegos Conjugados* (Guia 1988). Indicamos estas marcas cronológicas em relação às edições utilizadas para sublinhar a existência de suficientes instrumentos que podiam ter dado, mas que não deram, algum tipo de coerência ao sistema ortográfico empregado nas obras de que vamos ser extraídas amostras aleatórias.

A amostra de corpus vocabular narrativo é realmente reduzida, tendo em conta que corresponde a 10 volumes, e que, se a compararmos com todo o corpus vocabular da poesia do mesmo autor, resulta mesmo inferior: a poesia tem 23.330 ocorrências brutas (*PóLVORA* 4.501; *BENS* 4.183; *CANTO* 5.475; *ESTIRPE* 9.171); a amostra da prosa tem 19.980, distribuídas do seguinte modo,



facer un exame pausado do texto normativo que nos levou ó fondo convencemento da súa bondade, da súa solidez científica e da plena validez dos principios que os inspiran”.

As variações relacionam-se, logicamente, com os diferentes formatos editoriais e de fontes gráficas, mas servem bem para o papel de representação e amostra que se persegue.

A2. notações léxicas

Bastaria o exame deste aspecto para a comprovação que se pretende. E não será mesmo preciso revisar todas as chamadas notações léxicas, ou sinais auxiliares destinados a indicar a pronúncia exacta das palavras, bastando apenas o exame das regras seguidas no emprego do ACENTO GRÁFICO:

a) Orientação geral:

Ferrín segue, basicamente, o esquema da Gramática Espanhola (Gramática1: 134-144), fundamento¹⁵ também das indicações sobre a matéria que formularam as mencionadas *Normas ortográficas e morfológicas do idioma galego* (Normas: 23-30), e a posterior Gramática Galega (Gramática2: 42-45). Assim, nunca se empregam os acentos circunflexo e grave, salvo nalgum estrangeirismo (por exemplo, "Charles-Eguières", **Crepú** 87), e é unicamente o acento agudo o que aparece: assinala tonicidade nos vocábulos oxítonos que terminam em vogal, seguida ou nom de s ou n, nos paroxítonos que terminam em consoante diferente das anteriores ou em duas consoantes, e nos proparoxítonos todos. E não será necessário entrar em mais pormenores e exemplos.

b) Contradições ou incoerências:

◆ O autor duvida em considerar paroxítonas ou proparoxítonas algumas palavras acabadas em ditongo crescente, como lingua/língua. Curiosamente, quando recolhe este vocábulo segundo a pronúncia vulgar que demonstra em galego¹⁶, como em português padrom (Gramática.3: 70), a existência de três sílabas, não o acentua no único caso que recolhemos na amostra da prosa:

"...o contacto da lingoa ao se beixaren" (**Antón** 39),

¹⁵ Cfr. Estudo Crítico: 58-62.

¹⁶ Cfr., por exemplo, Maurício Castro: "Neste preceito [das palavras esdrúxulas] incluem-se as palavras terminadas em ditongo crescente (grupo de duas vogais numa mesma sílaba, sendo a primeira fechada -i, u- e a segunda aberta -a, e, o-)" (Manual: 27).

mas sempre acentua na poesia (e aí nom acentua as ocorrências lingua/s, forma única em *ESTIRPE*)¹⁷:

<i>PóLVORA</i>	Ponte de recurrir, ponte de <u>língua</u> neles poño a miña <u>língua</u> e descanso os meus ollos
<i>BENS</i>	<i>Língua que me enche a boca enteiramente</i> <i>E colocou a <u>língua</u>,/quente coma unha pomba e musculosa coma a serpente</i> <i>abrollados no esterco da miseria,/línguas de lapa,</i> <i>Si escaso/tolerarémo-la doce <u>língua</u> de Roldán</i>
<i>CANTO</i>	<i>que seque a miña man dereita /e a <u>língua</u> se me funda co paladar</i> <i>Que a man destra se me seque prá escritural/e a <u>língua</u> se me funda co paladar</i> con plenitude de gorkas e de <u>língua</u> de carne cristal que fora a sua <u>língua</u> líquida veludo na tua vista e mel bon na <u>língua</u> que me outorgas

Existe algum ocasional caso mais de acentuaçom destas palabras acabadas em ditongo crescente,

"O crepúsculo era borrallento e escorregaba polo lombo das pequenas casas do barrio do norte, en forma oblícuo" (Arrab 63)

"Silencioso, o sol oblícuo deste remate de verao" (Arrai 15)

Mas o habitual é encontrá-las sem acentuar, tal e como se recomenda nas regras propostas polo modelo isolacionista (Normas, Gramática.2), e no modelo espanhol (Gramática.1), por serem consideradas graves:

renovaba o xogo da infancia (Elips 10)

sempre nos tiña conducido á independencia revolucionaria (Cróni 26)

a sua guerra de independencia (Artur 79)

Está formada por especies de tipo predominantemente boreal (Retor 15)

Con frecuencia solprendíase a si mesmo (Antón 91)

unha especie de cousa roiba mordeume no pescozo (Crepú 57)

◆ Nas palabras agudas terminadas em ditongo decrescente nom parece haver distincom entre ditongo semi-aberto ou semifechado. Encontramos novamente um desregrado uso, com casos de acentuaçom, mesmo se ao vocábulo vai ligado um pronome enclítico (lembremos que o modelo isolacionista manda nom acentuar em todos os casos, Normas: 24):

María Luisa de Lis, coma un pardáu, comenza a choutar entón (Elips 11)

Avanzaban con peculiar paso xentil, coma alleos e impersonáis (Elips 35)

granadas de Laffite e PO2 e mesturóunas con idem de barreno (Elips 65)

Metéu o conxunto resultante nunha botella (Elips 65)

Zarróu a fenestra con forza e *choeuna* con empeño (Perci 15)

¹⁷Recordemos que no traballo mencionado no inicio foram considerados três livros do autor, a que agora acrescentamos ESTIRPE, o último poemário (vid. nota 5). Relativamente ao caso lingua/língua, tenha-se ainda em conta que Antón é do mesmo ano que PóLVORA, e que a reediçom de que nos servimos já é de 1989.

M. F. Saal púxose tenso coma **una** bimbio, **i empuñóu** un revólver (Perci 41)
 Un tanque de malta con leite **devolvéulle** a Sabina a seguridade (Artur 53)
Freíi, logo, e desmontei pra camiñar (Retor 71)

Esta tendencia, que parece acusada nos primeiros libros (aínda “internaciónáis”, “determinóu”, “estóu”, “regóu”, “estoupóu”, em *Elips*; “consideróu”, “pillóu”, “penduróu”, em *Perci*; “naciónáis”, “triviáis”, “xeróu”, em *Artur*), logo vai diminuindo, mas deixa por trás incoerências (e nom nos referimos só a deixar de acentuar os ditongos **éi, éu, éi** tónicos abertos que se acentuam, cfr. Manual: 27), bem patentes se, para além de exemplos contextualizados, comparamos parellas exactas de vocábulos:

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
ademaís	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
ademáis	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
baixei	2	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
baixéi	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
chegou	4	0	0	0	0	0	0	0	2	1	1
chegóu	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
despois	17	0	1	1	2	1	0	1	4	3	4
despóis	5	2	0	0	0	0	3	0	0	0	0
endexamais	3	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0
endexamáis	7	1	0	2	0	0	1	0	3	0	0
entrei	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1
entréi	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
fináis	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
fináis	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ollou	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
ollóu	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
pasou	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0
pasóu	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
pechou	2	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
pechóu	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
pensou	3	0	0	0	0	0	0	0	0	3	0
pensóu	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
perguntóu	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
preguntou	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
rematou	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
rematóu	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
voltei	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
voltéi	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

◆ Este comportamento nom se regista só no caso dos ditongos decrescentes das palabras oxítonas. Na verdade, nem vale a pena fazer divisons por categorías de palabras, porque, para além das tendencias gerais, o que depois encontramos é inúmeros casos de anarquía desregrada. Se a orientación da norma do acento parece ser a do español, ao

observar com til advérbios acabados em -mente que derivam de vocábulos proparoxítonos ou paroxítonos acentuados, quando todas as normativas galegas concordam em proscrevê-lo,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
rápidamente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
docísicamente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
hábilmente	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
monótonamente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
sistematicamente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
súpetamente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0

também encontramos outros tantos exemplos sem acento,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
estupidamente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
instantaneamente	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
maniaticamente	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
simultaneamente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
solidamente	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
unicamente	2	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0

◆ Portanto, a observação mais exacta, para além do tipo de palavra e das regras seguidas, deve referir-se à duplicidade de formas com e sem acento gráfico, como já tínhamos constatado na poesia. Neste aspecto, também na prosa se ultrapassa a simples gralha de imprensa, porque a prática estende-se por infinidade de exemplos:

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
ainda	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
aínda	11	0	0	0	2	1	1	3	0	2	2
frio	3	0	0	0	2	1	0	0	0	0	0
frío	4	0	2	0	1	0	0	0	0	0	1
detense	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
deténse	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
duas	7	0	0	0	6	0	0	1	0	0	0
dúas	7	1	0	0	0	0	0	0	0	5	1
adoquins	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
adoquíns	3	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0
solpor	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
solpór	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
rua	12	0	0	2	5	0	0	0	5	0	0
rúa	19	1	5	3	1	1	1	2	0	4	1
ruas	12	0	0	0	11	0	0	0	0	1	0
rúas	10	2	0	0	5	0	1	0	0	2	0
lua	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
lúa	6	0	0	1	1	0	0	1	0	0	3
rio	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
río	4	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2

saiu	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
saíu	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
sorriu	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
sorríu	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
sua	33	0	1	0	9	5	0	2	16	0	0
súa	26	7	5	3	0	0	5	3	0	1	2
suas	8	0	0	1	1	1	0	3	1	0	1
súas	7	1	0	1	0	0	2	2	0	0	1
tan	22	2	3	2	1	1	3	4	2	1	3
tán	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
azuis	6	0	0	0	1	1	2	0	0	1	1
azúis	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
etc.											

◆ Por último, quanto ao acento ortográfico, indicar também que no uso diacrítico se observa similar incoerência. Nom vamos realizar un percorrido minucioso observando as indicaçõs normativas quanto a este aspecto, porque o notável é novamente a alternância, fora dum determinado critério orientador. Bastam, portanto, exemplos demonstrativos, a começar por:

ósos/osos, com umha ocorrência cada nas páginas estudadas, significam o mesmo, 'osso', referido às peças rígidas do esqueleto dos vertebrados:

"...ósos e sepulcros da cidade morta" (Cróni 46)

"...da calivera, todo orellas, nariz, osos que se fan pra adiante" (Elips 10)

pé/pe, apresenta casos sem acento que ou bem continuam referindo-se à extremidade da perna ou bem têm o sentido figurado em que deveria seguir levando acento (em todo o caso, nunca nome de letra, que é quando se exime, cfr. Norma: 27); vejamos exemplos com e sem acento, sem que se trate de significados diferentes:

"...corre ao pe do monte" (Artur 19);

"...coa súa meda de palla e o seu alboio ao pe" (Retor 38);

"...que os presos permanezamos de pe" (Breta 87);

"ergueuse de pé" (Crepú 47);

"Helena estaba de pé" (Crepú 105);

"...e puxemos pé a terra" (Arrai 49);

"...cubría meu pé, ao modo no que soían calzar" (Arrai 137);

"pé dos penedos negros dos antergos" (Arrai 137);

"Piso co meu chapín de púrpura o pé espido de Mumadona" (Arrai 137);

"embóscaste nun pé de xestas" (Cróni 65);

"Pé da Burga, rumorosa de rosmidos" (Cróni 75);

"achegouse ó pé da escalinata" (Cróni 75);

"dóbrase polo xoenllo e o pé descansa no chan" (Arrab 41).

Em pólas/polas/ponlas, a forma acentuada tem, efectivamente, o significado de conjunto de ramos e folhas ("alumiñados polas pólas máis baixas", Antón 29), mas também se

emprega a variante ponla nesse sentido (“nas ponlas baixas dun piñeiro”, Arrai 49). No caso das formas como qué/que, quén/quen, ónde/onde, etc., tanto podem aparecer acentuadas como nom, em enfáticas ou interrogativas, tanto directas como indirectas (o sistema isolacionista manda acentuar só a interrogação indirecta, cfr. Norma 29)¹⁸,

“— E logo por <u>qué</u> non?” (Crepú 83)"	⋮	“¿Por <u>que</u> João-Wolfgang?” (Arrai 159)
—¿E <u>qué</u> é o que vas facer ...?” (Perci 73)	⋮	"¿E el <u>que</u> irían facer comigo?" (Cróni 84)
“—De <u>qué</u> clás?” (Crepú 25)	⋮	"—¿seguro <u>que</u> me vai..." (Perci 45)
—¿Pra <u>ónde</u> vas, Pete-Iau? (Perci 81)	⋮	"¿ <u>quen</u> era de veras o Capitão?" (Arrai 159)
"sen sabere por <u>qué</u> , sen..." (Arrab 40)	⋮	"...inquirindo <u>onde</u> estará..." (Antón 77)
"...non tiñas por <u>qué</u> partir" (Elips 92)	⋮	"...preguntar por <u>que</u> me levaban" (Cróni 83)
"...onde estará <u>quén</u> , ou de <u>qué</u> " (Antón, 77)	⋮	"é <u>quen</u> de vender ao seu pai" (Elips 10)

Algo similar acontece com tés/tes, ún/un, vén/ven, vés/ves,

- “estouche impaciente por saber o que tés que me contar” (Perci 81)
 “Tes que ir (Crepú 83); “non tes vivenciado” (Cróni 26); “o que tes” (Breta 47)
- "a neve non cai, está fixa i é ún quen rube..." (Elips 10)
 "Se non pode, se non pode un, Amado-Noia..." (Cróni 26)
- “cheiro a maré baixa que vén das lamas negras” (Breta 132)
 “O vento frio e duro ven, avanza” (Arrab 39)
- "— Está o Pitutas aí embaixo. ¿Vés?/— Vou" (Crepú 25)
 “—¿Dónde ves, pálido e demacrado, amigo?” (Perci 45)

(Desconsideramos casos isolados e asistémicos de presenza/ausência de acento em que pode haver gralha gráfica)

A3. irregularidades no vocalismo

Existe vacilação no vocalismo, existindo casos inconstantes de irregularidades que recolhem fenómenos orais: "O bruido semiapagado, desigoal" (Arrab 64); "...metelo pé na iauga" (Arrab 64); “coma unha iauga pola sua canle” (Arrab 89); "...cambean inmediatamente de soído" (Arrab 64)... Vejamos umha listagem,

Palabras	TOTAL	Elips	Cróni	Perci	Arrab	Artur	Retor	Breta	Antón	Crepú	Arrai
ialma	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1
auga	3	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1
iauga	5	0	0	0	4	0	0	0	0	1	0
saber	7	0	0	2	0	0	0	4	0	0	1

¹⁸ Repare-se, por outro lado, como existem exemplos em que o ponto de interrogação se emprega no princípio e final da frase, e outros em que só aparece no final.

sabere	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
ver	15	2	2	0	2	1	0	3	0	3	2
vere	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
voz	9	0	0	0	0	1	1	1	1	4	1
voce	2	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0
igoalmente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
igualmente	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
somellaba	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
semellaba	3	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1
soave	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
rogosa	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
rogoso	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
asesino	7	0	1	6	0	0	0	0	0	0	0
asasino	4	0	2	0	0	0	0	0	0	2	0
dorosa	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
doorosa	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
ambentes	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ambientes	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
alumando	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
alumeando	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
aduviñaba	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
adevirtú	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
adequiría	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
adequería	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
adeministracion	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
administración	2	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0
soparaba	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
soparados	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ponta	3	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1
ponto	4	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1
pontos	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
punta	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
punto	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
ouca	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
pó	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
póo	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
chapeo	2	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0
chapeus	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
chuva	4	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0
chuvia	4	0	0	0	4	0	0	0	0	0	0
coor	7	1	0	0	6	0	0	0	0	0	0
coores	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0

A4. irregularidades no consonantismo

Algo similar acontece com certos grupos consonánticos: “ausorbidas pola espesura branca” (Elips 9); “a carauta de serenidade coriácea que adoutara dende o intre inicial” (Elips 35)... De novo umha breve listagem de variantes em que se observa a reduplicaçom por causa de consoantes,

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
obxectos	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1
ouxetos	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
adoutara	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
perguiza	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
preguiceiro	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
pregunta	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
pregúntame	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
preguntar	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
preguntáranlle	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
preguntei	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
pregunteille	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
preguntoume	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
pergunta-la	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
perguntas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
perspectiva	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
perspeitiva	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
sumisión	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
submisos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
dirección	5	0	1	0	1	0	1	2	0	0	0
direición	2	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0
direucións	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
perfectamente	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
perfeitamente	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
esceicional	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
reflexadas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
refrexa	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
refrexaba	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
refrexaria	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
craramente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
craro	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
taboeiro	3	0	0	3	0	0	0	0	0	0	0
taboleiro	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
propio	3	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0
proprio	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
propia	7	2	0	0	0	1	1	0	1	0	2
propria	5	0	0	0	4	0	0	0	0	1	0
propios	2	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0
propias	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
proprios	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

A5. sufixos e terminacións

As solucións a sufixos latinos, como o emblemático -BILIS, por nom entrarmos em casuísticas mais puntuais, chegam a ter variacións na mesma frase: “deseñadas con gume implacable, amábeles e vítreas” (Elips 55); “...abalo inefable” (Elips 65); “Vibraba

imperceitible o piso móbil” (Elips 65); “...principal culpábel que es ti” (Cróni 25); “que resultarlle ia imposíbel” (Cróni 26)¹⁹; “E asín, inexplicábel e monumental” (Cróni 45), ...

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
considerábeis	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
abominábeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
abominable	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
amigábel	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
amábeles	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
agradabel	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
admirablemente	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
soportable	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
apalpábel	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
posíbel	3	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0
horríbeis	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
horríbel	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
inimaxinábeis	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
innumerábeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
impecábel	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
impecable	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
indescifrábel	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
imperceitible	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
implacable	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
imposíbel	2	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0
imprescindíbel	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
inaprazábeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
inconfundíbel	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
indecible	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
indefectibelmente	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
indestructible	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
inexplicábel	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
inesquécíbel	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
inesquencíbel	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
inevitábel	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
ineludíbeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
inefable	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
insoportábel	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
insufríbel	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
interminábeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
interminábel	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
notabel	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
notabelmente	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
notablemente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
notables	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
sensíbeles	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
terríbel	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
variable	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0

¹⁹ Repare-se, também neste exemplo, na aparente tentativa de pronome mesoclítico.

Duplicidade de solução também para o típico sufixo latino acabado em -ANUS, e para outras formas mais modernas do mesmo tipo:

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
verán	2	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0
verao	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3
chan	4	0	1	0	3	0	0	0	0	0	0
chao	4	0	0	2	0	0	0	0	0	0	2
man	7	0	1	0	3	1	2	0	0	0	0
mans	5	1	0	0	3	0	0	0	1	0	0
mao	4	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0
maos	4	0	0	1	0	0	0	2	0	1	0
americanos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
americáns	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

E para outras terminações,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
servizo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
servizos	4	0	0	0	0	0	0	4	0	0	0
servicio	3	1	0	0	0	0	1	1	0	0	0
violencia	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
violenza	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0

A6. formaçom do plural

Na indicaçom de número mantém-se a falta de critério uniforme ou a coerência de regra,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
áxil	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
áxiles	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
difícil	2	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0
difíceis	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
azul	16	0	0	1	3	0	2	3	1	6	0
azúis	3	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0
azuis	6	0	0	0	1	1	2	0	0	1	1
fidel	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
infidel	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
fieis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
móvil	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
móviles	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
igoal	8	1	0	1	4	1	0	0	1	0	0
iguais	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
tal	13	1	0	0	0	1	1	2	2	0	6
tais	3	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0
tales	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
ourensana	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
ourensano	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

ourensáns	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
inmóbil	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
inmóvil	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
inmóbeis	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
inmóbiles	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
papel	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1
papeis	4	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0
papés	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

A7. o artigo

Para além doutras curiosidades, registemos a dupla soluçom para umha típica contracçom,

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
ao	117	11	0	4	16	11	9	19	13	11	23
aos	18	3	0	0	1	5	1	2	3	0	3
ó	16	0	16	0	0	0	0	0	0	0	0
ós	4	0	4	0	0	0	0	0	0	0	0

e o uso da chamada “segunda forma do artigo”,

“devecído-los nervos” (Crepú 73)

“Non fága-las comedias” (Crepú 83)

“non pensa máis que en pasa-lo tempo” (Crepú 95)

“ao pronuncia-la verba brancas abría a boca” (Arrai 49)

“O amigo rexeitou decontado a idea de da-la alarma” (Cróni 45)

“—;seguro que me vai pregunta-la hora—” (Perci 45)

que chega a aparecer ligado directamente ao verbo anterior,

“...metelo pé na iauga” (Arrab 64)

ou nom existir, como na maioría dos casos registados em que segue à forma “todos/as”,

“Segredamente todos os membros da miña comunidade” (Elips 75)

“De entre todos os meus familiares” (Retor 37)

“como fan todos os presos de todas as cadeas” (Breta 22)

“unha vez todos os meses” (Breta 87)

“Todos os rapaces da Barbaña” (Crepú 41)

“En todas as farmacias” (Elips 92)

“cantaban todas as aves” (Arrai 137)

“a mamai e mais todas as donas” (Arrai 137)

embora apareçam ainda variações,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
tódolos	3	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0
todaldas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

A9. os pronomes pessoais

Quanto aos pronomes pessoais, só vamos anotar a típica variação el/il (“Todo o que vou escribir arastora pasóu porque il...”, Perci 27), e combinações,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
el	17	0	3	0	0	0	2	1	0	1	10
eles	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0
il	19	4	0	7	0	0	0	0	3	5	0
dil	2	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0
nel	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
nil	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

A10. demonstrativos

Como no caso anterior, as formas em “i” alternam com as outras desregradadamente,

<i>Palavras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
esta	8	0	3	0	0	0	1	1	0	3	0
ista	3	2	0	0	1	0	0	0	0	0	0
esa	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
isa	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
aquela	17	1	4	1	0	4	2	1	1	2	1
iso	8	1	0	1	0	1	0	0	2	2	1
eso	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
esto	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
isto	7	0	0	1	1	0	1	1	1	2	0
ise	4	1	0	0	3	0	0	0	0	0	0
iste	2	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0
istes	2	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0
aquel	9	0	0	0	0	2	1	3	0	0	3
aquil	3	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0
aquelas	4	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1
aqueles	5	2	0	0	0	0	0	3	0	0	0
aquelo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
aquilo	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
diste	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
dísto	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
naquel	4	0	1	0	0	0	0	1	0	0	2
naquil	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0

naquela	9	1	0	1	2	0	0	4	1	0	0
naquelas	2	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0
naqueles	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
naquelles	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
eses	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
nises	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
nista	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
niste	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
coaquiles	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0

A11. verbos

Para além de variações vocálicas e acentuais, e outras curiosidades (como a já indicada em nota relativa a umha aparente mesoclise, “que resultarlle ia imposíbel”, Cróni 26), nos verbos assinala-se um constante uso das formas em -ra como pretérito de conjuntivo,

"avanza, ainda coma se gozara en metelo pé..." (Arrab 64)

“a Pauta determinóu que nos axuntáramos en vínculo” (Elips 55)

“Se il non fora obreiro e non vivira no arrabaldo gris” (Perci 27);

e outras variantes,

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
corrente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
correntes	3	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0
recurrentes	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
concorrido	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
concurrida	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
recompoñía	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
recompuña	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
abandonou	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
abandoar	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
abandoaron	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
engullo	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
engulos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
comenzou	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
comezou	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
comenzara	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
escomenzaba	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
comenza	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
escomenza	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
aparece	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
aparez	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
parez	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
carez	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
aperceber	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
refere	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0

refire	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
percorrido	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
recorrido	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
cargar	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cargaches	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
carregada	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
carregado	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
cárrego	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
rube	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0
rubían	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
premitir	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

A12. advérbios e locuções adverbiais

Palabras	TOTAL	Elips	Cróni	Perci	Arrab	Artur	Retor	Breta	Antón	Crepú	Arrai
aquí	3	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0
eiquí	7	1	0	1	2	1	0	0	0	2	0
velahí	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
velaí	3	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0
asín	8	1	1	4	1	0	0	0	1	0	0
asin	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
así	14	1	0	0	0	1	2	6	0	0	4
quizabes	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
quizais	3	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0
inda	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
ainda	2	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0
aínda	11	0	0	0	2	1	1	3	0	2	2
case	6	0	1	0	0	0	1	0	0	1	3
cáseque	5	0	0	0	3	0	0	0	1	1	0
cecais	8	0	5	0	1	0	0	2	0	0	0
cecáis	3	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0

A13. preposiçõs

Alguns exemplos:

"...de non ser no canellón por trais de San Miguel dos Agros" (Cróni 46);

"...esqueiras de mol, tépedo, finísimo metal, que torcen sóbor de sí..." (Elips 47);

"pesan sobor da testa" (Cróni 25)

"...torcendo sóbor de sí" (Elips 65);

"asegún pisara en pedra somentes ou ben sóbor de..." (Arrab 64);

"Avanza hastra o medio e medio ... Hastra que entra nela o vento" (Arrab 64);

"aquil intre antre pétalas" (Elips 55); "...antre músicas antiquísimas" (Elips 65).

E umha breve listagem,

Palabras	TOTAL	Elips	Cróni	Perci	Arrab	Artur	Retor	Breta	Antón	Crepú	Arrai
dende	19	7	4	0	2	0	2	0	2	2	0
desde	8	0	0	0	0	0	0	2	0	0	6

coel	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
até	11	0	3	0	0	2	0	2	0	1	3
astra	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
hasta	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
hastra	3	0	0	1	2	0	0	0	0	0	0
asegún	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
sóbor	12	5	0	0	4	0	1	1	1	0	0
sobor	4	0	2	1	0	0	1	0	0	0	0
antre	26	4	1	3	10	0	0	0	7	1	0
sen	36	4	6	1	6	1	4	6	3	2	3
sin	8	7	0	0	0	0	0	0	0	1	0
tras	14	2	0	3	1	1	1	2	1	1	2
trais	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0

A14. conxunções

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
nen	6	0	1	2	1	0	0	0	1	1	0
nin	4	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1
i	9	6	0	2	0	0	0	1	0	0	0

A15. outras variações léxicas e gramaticais

Recolhemos, para acabar, unha serie de alternancias, algunhas das quais poderiam ser utilizadas tamén nos exemplos anteriores:

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
aire	4	0	0	0	3	0	0	0	0	1	0
áer	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
ar	7	0	1	0	1	0	1	2	0	2	0
soído	2	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0
soido	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
son	14	0	2	0	2	0	0	2	0	4	4
sonido	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
sonidos	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
liberdade	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
libertade	2	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0
mañá	6	0	0	0	0	0	0	0	0	5	1
mañán	2	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
mañás	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
marbre	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
mármore	2	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1
marmóreas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
mármoreas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
media	3	0	1	0	2	0	0	0	0	0	0
medio	5	3	0	0	2	0	0	0	0	0	0
medios	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
meia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0

meio	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
meo	4	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3

Esta última forma da lista refere-se, por certo, a um arcaísmo que observamos melhor no seguinte exemplo:

“vin sete columnas de mármore e, no meo delas, un home” (Arrai 137).

Para além das anteriores, podemos ainda registar:

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
montaña	2	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0
montañas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
montanas	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
nemigas	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
nemigos	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
luns	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
tercia feira	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
lús	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
luz	8	0	1	0	0	0	1	4	0	0	2
lus	11	0	0	0	6	0	0	0	0	5	0
alta	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
outo	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
outos	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
outa	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
outas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
árbores	2	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
arbres	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
poulas	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
aiga	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2
aceira	5	0	0	2	3	0	0	0	0	0	0

A última forma refere-se à parte lateral de algumas ruas ou ‘passeio’ (observe-se ainda a particularidade da última palavra do primeiro exemplo):

“Dun lado e de outro da "Avenida da Ulmeiras" había unha aceira feita a cadrinos brancos e negros; os cadrinos brancos e negros facían da aceira un taboeiro de axederés” (Perci 73);

“seguían os seus ollos a aceira, na dirección da máis próxima, máis ancha e máis iluminada das ruas” (Arrab 40).

Quanto à precedente “aiga”, que encontramos nesta extracção aleatória praticada na prosa,

“No cumio, brillaba unha aiga de folla de lata. Relocia a aiga e, de lonxe” (Arrai 49); vai reaparecer no último livro de poesia publicado por Ferrín (“sobre o outeiro da granda paira a aiga”, ESTIRPE 22), registando-se ainda outros usos do autor em obras precedentes:

águia/águias e mesmo aigue/aigues (cfr. Quiroga 1996: 297). Mas voltemos à prosa e a outras alternâncias:

<i>Palabras</i>	<i>TOTAL</i>	<i>Elips</i>	<i>Cróni</i>	<i>Perci</i>	<i>Arrab</i>	<i>Artur</i>	<i>Retor</i>	<i>Breta</i>	<i>Antón</i>	<i>Crepú</i>	<i>Arrai</i>
automóbil	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
automóvel	2	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0
edades	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
entramentras	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
entramentres	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
anteas	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
antenas	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
árbore	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0
pabillóns	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
pavillon	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0
populación	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
poboación	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
clas	3	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0
clás	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
clases	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0
coñá	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
coñacs	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
rosto	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
rostro	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0
teléfono	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
teléfono	3	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1
televexos	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
xaruto	6	1	0	0	0	1	0	0	0	0	4
xeonllos	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
xoenllo	3	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0
xoenllos	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0
zucere	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0
segredamente	2	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0
simplemente	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1
simplesmente	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0
soio	6	0	0	4	0	0	0	0	1	1	0
soía	2	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0

Poderia parecer que tanto a variação de soluções como as observações anteriores estão especialmente condicionadas pela diferente época e procedência dos exemplos. O argumento não é muito aceitável por quanto se trata sempre do mesmo autor, e até as obras utilizadas correspondem, como pontualmente se especificou, a edições que podiam dispor sempre de algum elemento sistematizador ou corrector dos usos ortográficos. Existem, aliás, injustificadas incoerências dentro da mesma obra. Mas, mesmo assim, vamos fazer uma comprovação final, mais rápida e centrada unicamente num livro, ESTIRPE, aquele que foi

o último publicado por Ferrín até a data*. Na listagem que segue, nalguns casos com a frequência vocabular entre parênteses e exemplos mais amplificadores, poderá-se observar (sem tanto pormenor mas com idêntica eficácia) algumas escolhas vocabulares curiosas para a perspectiva isolacionista que defende o autor²⁰,

aná

“Dispoñemos na Nación aná de...” (ESTIRPE 123);

até (6)

“e os seus cascos entálanselle até a vista de lume“ (ESTIRPE 26);

“longal ou dilatada até o confín das derradeiras serras“ (ESTIRPE 26);

e a mesma incoerência do sistema lingüístico, antes assinalada:

alma (5)/ ialma (2)

“porque sodes irónicos / a na vosa alma pura latexa Para Elisa“ (ESTIRPE 39); “que máis claridade deitan na alma ca na cámara” (ESTIRPE 113);

“aínda que augas de descrenza lle fervían no vaso da ialma“ (ESTIRPE 33); “pavillóns de gavela ou sexa ouro na ialma“ (ESTIRPE 119);

arrabaldes/ arrabaldos

“a vagar sen documentos alén dos arrabaldes“ (ESTIRPE 77);

“Tommie Steel ladrando bosta dos arrabaldos de tixolo“ (ESTIRPE 39);

canóns

“Derry republicano e os canóns do Sil“ (ESTIRPE 73);

constituídas/ constituída

“constituídas desde a orixe para seren punidas“ (ESTIRPE 28);

“coma a carne do fatón de diversos zucres constituída“ (ESTIRPE 136);

cór

“polo cór sen mal do Doutor Máxico“ (ESTIRPE 136);

deus (3)/ deuses (3)/ dios (32)²¹

“Deus rachou na cruz esta alianza e trouxo outra“ (ESTIRPE 137);

“os deuses e as palabras“ (ESTIRPE 78);

“ai Dios Mío!“ (ESTIRPE 129);

“A de Dios, que Castelao nunca nos debuxara a faciana de escravos“ (ESTIRPE 130);

* Já foi indicado como entre a elaboração do presente trabalho e a sua publicação na presente Homenagem, Ferrín publicou outro romance, *No ventre do silencio*, que agora seria a sua última obra.

²⁰ Voltaremos sobre esta vontade autoral de apologia do sistema lingüístico e ortográfico isolacionista para o galego-português, em certo modo contrariada na ideologia e absolutamente contestada na praxe.

²¹ Todas as ocorrências de dios estão no poema “Miña casa, meu lar”, precedido por umha nota em que se indica “Falan os labregos desposuídos, pola forzadas armas...” (ESTIRPE 127), colocado assi num registo popular e cheio de vulgarismos e castelhanismos (“chinero”, “cómoda da limpeza”, “pulpo”...), mas que acaba invocando a música clássica e falando em italiano: “Alma, como no concerto de Vivaldi cun violino principale/ ed altro violino per eco/ ai Dios Mío!” (ESTIRPE 131).

irexe

“Maldito irexe —dixera Xerome en carta a Clerifonte“ (ESTIRPE 136);

arrebaño/-s, ourella

“sobre o outeiro da granda paira a aiga/ o arrebaño das bestas ergue a ourella“ (ESTIRPE 22); “e os arrebaños perecían “ (ESTIRPE 135);

baile, beillar, beillando

“con chavalas curriñas no baile das Cabañas“ (ESTIRPE 57);
“cando non multiplicarse e beillar sobrepostas até o infindo “ (ESTIRPE 20);
“a búsola beillando bossa-nova“ (ESTIRPE 48);

cabdaloso

“que promedia entre a foz do cabdaloso Conrad“ (ESTIRPE 46);

case/ cáseque/ cuase

“Pola Rúa da Oliva case ninguén falaba“ (ESTIRPE 65);
“cáseque non duraron“ (ESTIRPE 71);
“a pipa cuase baldeira que é a Patria“ (ESTIRPE 90);

nono/ non o

“e nono diu sabido aínda que corría velozmente” (ESTIRPE 31);
“pero non o pregunta“ (ESTIRPE 114);

correxer, iñormas

“aprechado de letras e de iñormas/ pra correxer os rústicos e aconsellar os príncipes“ (ESTIRPE 90);

decer (=dizer)

“Só sei decer da muller gorda/ que ía de comboio con Dámaso Frenético“ (ESTIRPE 99);

dendesde

“cando dendesde o outeiro do Monte dos Arruídos “ (ESTIRPE 33);

esperanza, desespranza

“Aínda que a ave voe máis alá da esperanza“ (ESTIRPE 84);
“A pouco e pouco, de inferno en desespranza“ (ESTIRPE 44);

escomincipio

“que é escomincipio e a derradeira frouma do alentar de meu“ (ESTIRPE 147);

fluír

“do Río Longo coma o fluír das edades“ (ESTIRPE 29);
“de sangue ceibe e limpo que non para de fluír“ (ESTIRPE 138);

frol, froles, flores

“coa frol da xesta albar ou da carqueixa“ (ESTIRPE 123);
“areas lumes coiteladas froles“ (ESTIRPE 18);
“e as flores briosas de Sevilla adornaban a proa“ (ESTIRPE 48);

florida, frofido

“deica a veiga florida, colo de Galicia“ (ESTIRPE 89);
“era maio frolido as pequenas pionetas “ (ESTIRPE 26);

frotantes

“pra forzar o bloqueo das cidades frotantes“ (ESTIRPE 48);

galicia (5)/ galiza (1)

“de Galicia a Aquitania“ (ESTIRPE 137);
“Non; o home armado é non; Galiza.“ (ESTIRPE 107);

homilda

“homilda a testa o Cervo“ (ESTIRPE 23);

labres

“misia pega peteirará nos nosos labres“ (ESTIRPE 19);

malencónicas

“revían malencónicas os seus fastos idos“ (ESTIRPE 137);

meo

“que decorre polo meo do Petrarca e de Char“ (ESTIRPE 78);

mésés (cast. ‘mieses’)

“aos de mésés loiras gado submisos e femias paridoiras“ (ESTIRPE 15);

nemorado, nemorosos

“ca un nemorado meu Esposo“ (ESTIRPE 22);
“descer polos cadoiros nemorosos de freixedo“ (ESTIRPE 123);

número, número

“e necesita saber o número exacto das traizóns“ (ESTIRPE 113);
“Nembargantes están a reducir o número“ (ESTIRPE 83);
“antagónico do número celeste“ (ESTIRPE 77);

rubir

“pra rubir a ningures“ (ESTIRPE 22).

ourízo

“Só permanece o ourízo das saudades“ (ESTIRPE 73);

sague

“con esperma e con sague menstrual, e siescaso“ (ESTIRPE 136);

vén/ ven (verb. VIR)

“e vén de noite a cobra“ (ESTIRPE 18);
“que ven do ceo e corre a escuso por gargantas de touza“ (ESTIRPE 27);

tan (7)/ tán (3)

“feroz é tan sanguinaria co home“ (ESTIRPE 138);
“fin dunha viaxe tan longa coma o mundo“ (ESTIRPE 27);
“e vos veñen tán axiña de tán lonxe“ (ESTIRPE 91);
“das súas enxebres sombras inferiores (tán características)“ (ESTIRPE 109);

traidora/ treidoras

“Sangues, de consún, nai, tu (gorda traidora), polos regos“ (ESTIRPE 109);

“ás illas treidoras do arquipélago das Salgari“ (ESTIRPE 44);

[2ª forma do artigo...?]

“e todas as linguas e as nacións e os candelabros/ e todos os poderes da Terra congregados...“ (ESTIRPE 137);

“de fariña vai xurdindo tralos petoutos“ (ESTIRPE 95);

“Sabémo-lo enigma do Cambedo“ (ESTIRPE 109);

“pro huxe cábeme a gloria/ de eu ser o amo do Cervo nestas verbas“ (ESTIRPE 23);

“no designio de achar o ponto “ (ESTIRPE 29);

“E ténde-lo agarimo das avoas crochet“ (ESTIRPE 39);

“en canto o mundo siga a se-lo mundo“ (ESTIRPE 61);

-zón/ -ción

“londras de traizón nas augas dos teus ollos“ (ESTIRPE 107);

“consolaren na tribulación o mísero“ (ESTIRPE 135);

“das populacións en que Galicia se reconece“ (ESTIRPE 91);

Para além dos casos anteriores, podemos citar ainda, de entre um conjunto mais amplo, as seguintes escolhas, todas referidas ao último poemário de Ferrín, que podiam merecer algum comentário:

edades, eiquí, espírito, dar/dare, gavotas, grandismas, feble, igoal/igual, mocidade, norueste, percura, percurado, probe, probes, probeza, propio/proprio, soidos...

B. O saber acerca da *verdade*

As explicações e comentários da obra ferriniana, tanto em prosa como em verso, existem abundantemente desde os anos setenta até aos nossos dias²², dilatam-se por revistas e livros, e até tiveram presença regular nos manuais de texto para as escolas²³. Nem resumir este material crítico nem tentar umha nova síntese semántica das obras, na procura objectiva das “verdades” que estão sendo tratadas, se adequa à natureza deste trabalho, como também não cabe por simples questom de espaço. Por isso, para além de mínimas alusons a outras

²² Lembrem-se os exemplos de Ramón Piñeiro (1971) e de María Xosé Queizán (1979).

²³ Um texto de Ferrín já aparece naquele *Galego 1*, do Instituto da Lingua Galega, cuja primeira edição é de 1971 (cfr. Galego.1: 193-194). Num manual de 3º de BUP, aprovado como livro de texto pola “Consellería de Educación coa data 5-X-1982, Ferrín recebe comentário teórico na área de poesia (Seitura: 382-383), comentário teórico na de narrativa (Seitura: 408-410), e está representado nas duas secções de antologia de textos (Seitura: 401-402 e 416-420). Em *Literatura Século XX, iniciación universitaria*, há um último capítulo, “Os novos narradores de postguerra”, com umha parte geral e outra consagrada a duas únicas personalidades: Ferrín será, junto com Neira Vilas, um dos protagonistas individualizados (Moreno/Rábade 1985: 308-318).

fontes críticas (e, neste sentido, algum dos mencionados manuais escolares pode ser mais interessante que as próprias fontes eruditas, por dar leituras de Ferrín sumamente sintéticas e lapidares), vamos conformar esta parte a umha superficial olhada no material primário que sustenta o sentido daquelas “verdades”, isto é, o léxico. Como nom cabem grandes pormenores, advertir apenas que fica aí um ponto de apoio para potenciais aproveitamentos ulteriores, pelo menos no caso da poesia, pois que se refere aos quatro livros completos.

B1. Aproximaçom aos “valores” na poesia

Se, à partida, tomamos um breve ponto de apoio na leitura crítica mais genérica (suplindo assim à subjectividade da nossa apreciaçom), encontraremos as seguintes temáticas nos quatro livros de poesia:

PóLVORA: “...versos libres, salferidos de resonancias culturais (lendas célticas, o mundo dos Cancioneiros, o jazz, ...), nos que alía denuncias sociais e políticas e poemas amorosos” (Seitura: 382-3);

BENS: “...temática basicamente reivindicativa” (Seitura: 382);

CANTO: volve sobre os motivos da política, o amor, a morte e o tempo, que já inspiraram *PóLVORA* (Salgado 1985: 171-178)

ESTIRPE: “achegamento á nosa cultura autóctona, recreando un mundo mítico”, “personaxes dunha Galicia que procuraba un destino de seu”, a existência, a morte, o passado, o decorrer do tempo (Salgado 1995: 246-247).

Dispondo agora de todo o vocabulário poético do autor em tabelas de frequências podemos observar efectiva e objectivamente o material semántico em bruto, e aí o vocabulário temático em geral. Nos vocábulos de alta frequência encontram-se a temática e os elementos estilísticos principais, estes exprimidos pelas palavras gramaticais ou funcionais. Vamos deixar de parte os aspectos funcionais e reparar apenas nas grossas traves temáticas, sustentadas nos nomes e adjectivos indicadores dos temas. A extracçom dos primeiros 35 vocábulos nocionais de mais alta ocorrência em cada texto, que a seguir apresentamos, permite tirar conclusons horizontais sobre os seus motivos poéticos sem ambiguidades:

	<i>PóLVORA</i>		<i>BENS</i>		<i>CANTO</i>		<i>ESTIRPE</i>	
1	Stephen	35	Galicia	28	amor	20	dios	32
2	ollos	30	terra	24	luz	12	mozo	31
3	pobo	23	corazón	22	<i>cousas</i>	12	<i>mundo</i>	26
4	libertade	22	<i>mundo</i>	18	besta	12	ollos	22
5	<i>cousa</i>	22	pobo	17	Togor Fraa	12	terra	22
6	tempo	17	homes	17	ollos	11	illas	22
7	morte	16	palabra	16	man	11	sol	18
8	lus	15	ollos	13	irmá	10	río	16

9	amor	15	mar	13	Saluna	10	homes	16
10	pedra	14	noite	12	patria	9	Mozo Faramontao	16
11	señor	13	luz	12	<i>cousa</i>	9	día	14
12	outono	13	espranza	12	corazón	8	cobra	13
13	río	13	día	11	azul	8	luz	12
14	triste	12	dorna	11	sombra	8	corazón	12
15	man	12	silencio	9	fogo	8	mar	12
16	ben	11	patria	9	<i>mundo</i>	7	morte	12
17	nome	11	deus	9	noite	7	cervo	11
18	Compostela	11	ben	8	Vilanova dos Infantes	7	monte	11
19	vento	7	ferro	8	azas	7	lume	10
20	crepúsculo	7	traballo	8	dragón	7	fin	10
21	corazón	6	Occitania	8	mar	6	ceo	10
22	ferro	6	pedra	7	pedra	6	días	10
23	silencio	6	man	7	ledicia	6	<i>cousa</i>	9

Deixamos entrar nas palabras nocionais os nomes propios com toda a intención. Esta classe de palabras, clasificada entre os operadores de individualización e até há bem pouco “**parent pauvre de la linguistique**”, mas com reconhecida función de “**désignateur rigide**” (Molino 1982: 5 e 16), podería servir para individualizar os libros de Ferrín. Mas vejamos a que se referem antes de acabar o comentario: “Stephen”, “Togor Fraa”, “Saluna” e “Mozo Faramontao” correspondem a três antropónimos de outras tantas personaxes que focalizan repetitivamente a atención nos poemas correspondentes. No primeiro caso o nome liga-se a unha amada chamada Ulrike Meinhof (e, portanto, a certa radicalidade política, com explícita evocación no poema do marxismo, “xa a lus/total/vermella”). No segundo caso temos un tocador de arpa a cavalo (cujo canto “entraba a escuso no corazón dos guerreiros/ coma un furón gris/ e afondaba neles carnicerías escuras de pranto e de presaxio”) que vai acabar pendurando o seu instrumento num carvalho para “deixar perdé-la vida”²⁴. Se o terceiro nome é unha personificación lunar e feminina, no cuarto encontramos un herói que, num mítico e fantástico labirinto (assi se chama o poema) “persistira/ no designio de achar o punto no que a Trabe/ que terma do mundo era sustentada”, e que afinal “...diciu ficar pra sempre no ovo do Labirinto/ termando de nós outros das nacións e das linguas/ dos homes verdadeiros...”. O nome feminino situa-se num campo amoroso, entanto que os três nomes masculinos som variacións de protagonistas dramáticos e agónicos, aureados por um heroísmo utópico de serviço à comunidade.

Os outros nomes remetem para os centros toponímicos mais insistentes nas correspondentes faixas poéticas dos dous libros. Atendamos primeiro a toponímia menor: Compostela em PóLVORA, Vilanova dos Infantes em CANTO. Se, de um ponto de vista

²⁴ As posibilidades de lectura auto-poética e simbólica do poema, relacionando-a ainda com o título do libro, resultam inevitáveis.

mais bem filosófico, a condición fundamental do funcionamento do nome propio pode ser a de “être employé comme instrument d'une interpelation virtuelle” (Granger 1982: 36), podemos recordar que Vilanova dos Infantes é unha constante interpelación ferriniana que “irá cobrando progresivamente, a medida que avanza o tempo, unha presenza maior”, e em que se colocam as “míticas orixes perdidas”; entanto que “Compostela estará unida desde o principio ás esperanzas e aos temores múltiples acochados na liberdade e no misterio, por isto na súa literatura simbolizará tanto o fracaso político e persoal como a pervivencia do soño vital e revolucionario” (Blanco 1994: 13, 15 e 16).

Em BENS concentram-se os dous referentes de toponimia maior, “Galicia” e “Occitania”, sendo o nome da pátria do escritor a forma nocional de maior alta frecuencia, de modo a ilustrar bem o tópico referido a este libro de “...temática basicamente reivindicativa”.

Seria necesario, aliás, considerar non só aquilo a que os nomes propios fazem referencia mas tamén a maneira como fazem referencia, e a información que dan do seu portador²⁵. Mas fique apenas como exemplo das posibilidades de interpretación que se abrem na lectura dos resultados.

Non vamos entrar no resto da listagem, que fariam desta aproximación un tratado enfadonho. Baste apenas indicar a coincidencia de certos campos temáticos sugeridos polas formas nocionais aí recollidas, que parecen aproximar tematicamente os catro libros de poesía²⁶, e que debería servir tamén para a prosa²⁷ (de que non vamos dispor do conxunto total do léxico, como neste caso) e, portanto, para todo o conxunto da obra de Ferrín: concordaríamos em observar “a profunda unidade e o movemento permanente do conxunto da obra ferriniana, concebida como unha escritura en espiral obsesionada pola liberación e envolta na nostalgia, así como propulsada por unha interminable teima da recuperación da propia orixe” (Blanco 1994: 11).

²⁵Sob este punto de vista pode resultar de utilidade a aproximación teórica de J.-C. Pariente (1982: 37-65).

²⁶ O qual, mais ou menos contraditoriamente, já foi afirmado, se conseguimos entender a dereito un comentario da obra ferriniana em que o autor começa por afirmar que “obsérvase na súa poesía unha importante evolución, se ben o cambio opérase, sobre todo, a nivel temático”; para depois, catro liñas abaixo, indicar que “Se en canto á temática, non son moi diferentes as súas obras, sí o é o tratamento con que aborda en distintos momentos os mesmos temas” (cfr. Salgado 1985: 171).

²⁷ Por exemplo afirma-o Antonio Capelán: “Co que xá non concordamos tanto é coa división da obra narrativa de Ferrín en dúas etapas sucesivas, a primeira das cales comprendería os tres libros iniciais e estaría caracterizada pola renovación técnica. Dunha lectura detida de toda a obra narrativa de Ferrín se algo queda claro ao remate é precisamente a unidade e a evolución constante tanto no aspecto temático como na técnica narrativa empregada, de xeito que só cumpriría poñer nun lugar á parte *Arrabaldo do Norte*, na que o autor segue bastante fielmente a estética obxectalista de Robbe-Grillet” (Capelán Rey 1985: 248).

B2. Aproximación aos “valores” na narrativa

Nom tendo o léxico total ao dispor, mas apenas unha mostra de cópulas, as observacións que seguen non poden pasar tamén da tentativa de exame aleatorio dalguns dos materiais con que se constrói a narrativa, mas nunca poderán ter o alcance que permitiría o conxunto total, como no caso das tabelas de alta frecuencia recollidas na poesía. Mas antes da breve referencia a estes materiais, as observacións típicas referidas aos libros, entrevistas nunha lectura crítica das máis xerais:

“*Percival e outras historias* (1958) é o seu primeiro libro. Contén 14 relatos nos que xa atopamos as características máis destacadas da súa narrativa: a mistura dos mundos fantástico e real, a presenza do misterio, o emprego de topónimos e antropónimos exóticos (...), que aparentemente non gardan relación coa realidade galega, e a forza narrativa.

O crepúsculo e as formigas (1961) insiste na creación dun ambiente de misterio e terror mediante a mistura do real e fantástico. Os homes camiñan nese ambiente como formigas en fila, movidos por forzas cegas que imponen un tráxico destino.

Arrabaldo do norte (1964) é a súa primeira novela. A acción desenvólvese nun **arrabaldo** (sic) urbano. Mediante unha técnica obxectalista, o narrador preséntanos unha acción que semella non avanzar: os inseguros movementos dun home do sur perdido polas rúas dun arrabaldo dunha cidade allea sen saber quen é e qué busca.

Retorno a Tagoen Ata (1971) é unha alegoría ou parábola política: o país utópico de Tagoen Ata é Galicia. A narración presenta o enfrentamento da nova conciencia nacionalista radical contra as posturas cada vez máis moderadas e culturalistas do vello nacionalismo.

Algunha das narracións de *Elipsis e outras sombras* (1974) teñen o mesmo carácter alegórico ou de política-ficción; nelas **preséntasemos** (sic) unha aterradora visión da violencia, institucionalizada polo Estado represor e a clandestinidade dos inconformistas”.

(Seitura: 408-409; o sublinhado é noso)

Reparemos relativamente a *Elipsis*, e antes de continuar con os outros libros, que esta obra já foi qualificada de “ciencia-ficción política (Vázquez Cuesta 1980: 884), ou incluída no xénero que Carmen Blanco denomina “política-ficción” (1994: 21). A etiqueta aparece en varios lugares. Vejamos a caracterización das outras obras:

“*Antón e os inocentes* (1976), a segunda novela de Ferrín, é un alegato socio-político da posguerra en Galicia, feito con rupturas da secuencia temporal (un ir e vir do pasado ó presente) e un xogo de lembranzas e monólogos. Algúns dos temas tratados na novela teñen certo interese sociolóxico (...).

Crónica de nós (1980) contén oito relatos onde Ferrín mostra con depurada mestría a súa forza narrativa e a súa habilidade para verquer en fermosas ficcións a súa decidida opción ideolóxica

Amor de Artur (1982) contén cinco narracións nas que segue as directrices que o caracterizan. O relato que dá nome ó libro aporta unha visión orixinal das lendas artúricas, retomadas aquí cun difuminado realismo lírico; supón unha

recreación dalgúns motivos da materia de Bretaña. A utopía de Tagen Ata e outros motivos da mitoloxía persoal de Ferrín están presentes noutras narracións deste último libro.”

(Seitura: 408-409; o sublinhado é noso)

Sem entrar a valorizar aínda os contéudos nem o registo ortográfico, repare-se que existen pelo menos dúas gralhas evidentes nestes poucos parágrafos, e lembre-se que se trata de un manual para ensino secundario de 1984. Como entran nas nosas consideracións outros dous libros de Ferrín (sem editar aínda na altura em que se publica o manual que serve para estas referências genéricas), vamos anotar antes de mais algunha mínima apreciación, procedente doutra fonte, relativa a eles:

Breta:

“O ciclo tagenatiano amplíase co barroquismo da novela carceraria sobre o amor e a liberación” (Blanco 1994: 26);

Arrai:

“a través do expresionismo distorsionante, chega ao límite da fantasía e crea un novo mundo mítico, a Raia, como un microcosmos rural de marxe e de fronteira, construído cunha lingua, así mesmo, límite e nos lindes da realidade e a fantasía” (Blanco 1994: 26).

O sumatório da visom que se nos dá podería permitir agrupamentos finais, como se acaba facendo no manual aludido, que distingue dúas etapas, a da “procura da renovación técnica” e a da “preocupación polo contido (...), pola mensaxe”, “a denuncia social ou política”. Distinguir correntes ou etapas na narrativa ferriniana foi unha constante, desde Ramón Piñeiro, pasando por Camino Noia, Luciano Rodríguez Gómez, Salinas Portugal (desde a focagem e discusión do concepto de “nova narrativa galega” aplicável a varios autores, entre os quais Ferrín), até chegar ao atrás mencionado Capelán Rey, Carmen Blanco e Rodríguez Fer, Anxo Angueira, e Fernández Costas/Rabunhal, com a afirmação da unidade evolutiva básica. Neste sentido, e aínda nom sendo este un aspecto que venha informar de modo relevante o objecto de estudo, talvez se poda aceitar a proposta da espiral, símbolo recorrente na obra do autor, como o melhor modelo estrutural para representar as etapas, a unidade e diversidade da sua produção; unha espiral permanente, como propom Carmen Blanco (1994: 38).

C. Concluindo

Nom haverá que argumentar muito para admitir que o campo literário **galego** se apresenta numha situaçom de anormalidade determinada pola igualmente anormal situaçom que decorre, em particular, do terreno político: o próprio estatuto de “galego” (em termos nom só políticos mas até humanos, para além dos lingüístico-literários) é subsidiário, dependente e historicamente ligado aos estatutos de “espanhol” (o mais recente) e “lusófono” (o mais antigo). A literatura galega ressen-te-se dos factores peculiares que afectam a cultura no quadro político, económico, social, em que é produzida e consumida. As relaçoms com os campos literários espanhol e lusófono, mais autónomos, resultam determinados por esse quadro de anormalidade. De igual modo, a crítica literária praticada num quadro sociológico culturalmente anormal, sobre a produçom literária também inevitavelmente marcada polo mesmo estigma, nom pode deixar de notar elementos primários que delatam essa anormalidade. Sobre produçom, consumo, relaçoms e crítica literárias, pairam ainda questons que podem parecer resolvidas para quem se conforma com um aparente e actual estado de “normalidade”. Mas qualquer estudo de caso pode verificar que essas questons, embora incomodantes para os conformados, continuam tendo pertinência. Questons como: Que é escrever em galego? Qual é a crítica literária galega? Como e por que se orienta a crítica literária galega? Primamos, no quadro sociológico anormal, o papel educador da literatura galega? Ao tempo, atribuímos-lhe saberes superiores a esta literatura galega na ordem lingüística, na ordem dos valores superiores?

Nem é este um ensaio sociológico nem vamos pretender dar resposta a questons tam complexas como as anteriores. Pretendíamos apenas estender um leve pano de fundo para projectar encima os cacos resultantes da aproximaçom a um caso singular de autor prestigioso. Do breve exame da obra de Méndez Ferrín resulta a anormalidade de nom poder-lhe ser atribuído um “saber superior quanto à língua”, ao comprovar-se um dilatado percurso de incoerência gramatical, que representa o degrau mais elementar desse saber. De modo que os alicerces legitimadores da obra devem achar-se apenas no “saber superior quanto aos valores” comportados, e a “funçom educadora do povo” fica reduzida à *verdade* que aí se representa. Sabemos que, num quadro sócio-político normalizado, a satisfaçom do primeiro aspecto é obrigada; mas, num **quadro sócio-político sentido como anormal** por umha boa parte dos indivíduos que nele se integram, a literatura deixa de equilibrar os dous saberes, o primeiro aspecto passa a ser quase irrelevante, e o segundo toma protagonismo central. Aí, os conteúdos nocionais da obra de Ferrín recolhem desde a fantasia evanescente e mítica em mistura com a realidade de que se fuga, à alegoria da “política-ficçom” mais ou menos explícita e panfletária, que parecem estabelecer correspondência com o quadro mencionado.

Para além do dito, existem outras actividades do autor que determinam a recepção da sua obra literária. Ferrín costuma aparecer como “polemista y activista político” (Dossier: 78), e o seu empenhamento neste campo também propicia sem dúvida a centralidade da sua literatura num campo anormal ou em precário como o galego, onde os partidos políticos mais ou menos afins²⁸ são capazes de emprender campanhas para o candidatarem ao Nobel (mas não de entrar a propor candidatos no terreno da Medicina, no da Economia, ou no doutra especialidade...).

Um aspecto de tal empenhamento refere-se precisamente à atitude relativa ao sistema ortográfico do galego-português, que poderia sintetizar-se na “Posición *Luís Soto*”, recolhida numa espécie de manifesto que assina Ferrín e outras várias pessoas, e onde se pode ler o seguinte:

“Ao tempo que se reclama a independencia nacional, faise, nesta hora, preciso, un estudio e unha definición clara sobre a oportunidade da reconstrucción — amistosa e entre iguais— da unidade con Portugal perdida con Afonso Henriques. ¿Confederación galegoportuguesa como horizonte? Estaría por ver. En todo caso, e xusto no cerne desta política de reconstrucción da Galicia perdida, convén que polos comunistas se faga todo o posíbel por neutralizar as contradiccións ortográfico-lingüísticas introducidas no seo do movemento nacionalpopular galego pola corrente reintegracionista. Os comunistas debemos defender, para defender a nosa lingua neste intre, a ortografía oficial do galego.” (Soto: 160)

Pela história das ortografias sabemos que “as soluções ortográficas adoptadas estarão ineludivelmente associadas ao ideário político e aos hábitos sociais e culturais da época” (Gonçalves 1992: 18). Mas que Ferrín intervenha neste assunto fulcral para o processo identitário da galegidade admira por, entre outros, três motivos fundamentais: admira pela desinformação flagrante quanto ao reintegracionismo, tal e como se reflecte na citação anterior (e não é o caso de esclarecer aqui tanto equívoco, se não queremos fazer escorar o final deste trabalho para uma vertente panfletária inecessária)²⁹; admira por adoptar nesta

²⁸ “A Federación Galega de Municipios e Provincias acordou recentemente, a petición do concello de Celanova, recomendar aos concellos que solicitem o Premio Nobel para Xosé Luís Méndez Ferrín. Asimesmo, os deputados provinciais do BNG en Ourense, Manuel Conde, Xosé Antón Xardón e Antón Sánchez Rivero presentaron unha proposta para que a Deputación se sume á solicitude do Nobel para o escritor do (sic) Celanova. Os representantes nacionalistas sinalan que non só se trata só (sic) de recoñecer a obra de Méndez Ferrín senón que significa a “valoración por parte da propia sociedade galega da literatura escrita no idioma da nación”. Esperan que a proposta se debata no pleno do Venres 26 de Febreiro” (Nóbel: 26).

²⁹ Dentro do reintegracionismo cabem, naturalmente, vários matizes, entre os quais talvez aquele que (levado ao terreno estritamente político) comporta o ponto de vista unionista tão bem acolhido por um tardo-imperialismo ou pseudo-fascismo sobrevivente nalguns portugueses, organizados ou não, mas sempre receptivos a esta possibilidade. Mas quase a absoluta totalidade do reintegracionismo está reclamando apenas a normalização linguística para a Galiza, realizada com o sistema ortográfico que melhor pode evitar as transferências internas do espanhol (favorecidas pelo sistema isolacionista, cujo fracasso normalizador se tem evidenciado nestes anos) e garantir a sobrevivência externa (mas também interna) do galego, e ao tempo da Galiza como unidade diferenciada. Aceitar a crença, espanholista e interessada, de que nos satelizamos em Portugal por usar um sistema ortográfico próximo do português, “seria tanto como acreditar que Cuba se sateliza

matéria posiçõs coincidentes com os antagonistas políticos, coincidentes com a visom contrária a qualquer forma de independentismo político da Galiza com relaçom ao estado espanhol; e admira, finalmente, porque Ferrín nom segue as regras ortográficas que com insistência pública chama a defender.

Os resultados pontuais que levamos observando no caso em estudo, acontecendo com toda a centralidade que Ferrín tem no quadro literário galego, delatam a anormalidade geral deste. A própria centralidade de um autor fundamentada apenas no “saber superior” quanto aos “valores” que representa na sua obra, já que a outra ordem de “saber superior” considerado, aquele quanto à língua, se incumpre no degrau básico por infinitas incoerências ortográficas, resulta anómala. A anormalidade resulta mais aguda ao elevar os dados particulares para umha óptica panorámica que, decorrendo do já exposto, daria um balanço final que podemos tentar resumir noutros três pontos:

- a) O tipo de valores reconhecidos na obra de Ferrín correspondem, em geral, a umha leitura ideologicamente muito marcada, com frequência identificada com a reivindicaçom nacional, bem por via da fantasia, bem por via da alegoria política e da violência; estes valores nom som os que se acham entre os “valores supremos da humanidade” numha literatura producida num contexto social e político de paz e normalidade.
- b) O empenhamento político do autor é levado ao terreno lingüístico, aquele em que o literato devia exhibir um saber superior, e aí o político adopta umha posiçom inverosímil: ataca (exibindo flagrante desinformaçom) a escolha ortográfica que politicamente devia coincidir com ele, e afirma umha escolha de sistema de representaçom da escrita que o próprio autor é incapaz de seguir —e com erros e incoerências de tal volume que fica sem sustento possível quanto a essa ordem de saber superior.
- c) A posiçom central de Ferrín no campo literário galego recebe o apoio incontestado de vectores vindos de todas as posiçõs, mesmo desde aquelas opostas aos “valores” ideológicos reconhecidos na sua obra literária, que contribuem amplamente à sua campanha “nobilitante”, incluindo até o

em Espanha por usar a mesma língua” (Torres 2000: 17). E depois, concedendo que o sistema gráfico isolacionista ou do espanhol seria “mais adequado para transcrever palavras desconhecidas ou para a aprendizagem da escrita analítica enquanto o sistema gráfico do galego-português permitiria, a princípio, umha leitura impressiva de maior rapidez ou comodidade” (Peres Rodrigues 1999: 128), mas sublinhando que este último tem umha superior “distintividade visual”, é óbvio (para além dos argumentos históricos, didáticos, sociológicos, económicos e emotivos) que até “cientificamente” a sua escolha coincide mais com o propósito de defesa da língua da Galiza e deve fundamentar toda e qualquer política de reconstruçom nacional.

campo espanhol e os seus representantes políticos na Galiza³⁰. Esta centralidade, visível no recente esforço geral de instituições e partidos para pedirem para ele o Nobel, sucede imediatamente depois de o campo literário português receber tal distinção.

Podíamos ainda perfilar mais algum comentário apurando os matizes do quadro desenhado. Mas o propósito formulado à partida está cumprido. A anormalidade da chamada literatura galega, na vertente proposta e com o caso singular escolhido, parece clara. Depois, infelizmente, existem todavia muitas outras vertentes que reforçam esta visom para a actualidade e que pode ser comprovada observando apenas os outros factores conformantes do facto literário na Galiza. Esperamos ter contribuído e contribuir para ultrapassar tanta contradição.

³⁰ Desde a óptica espanhola, Ferrín está considerado um dos melhores poetas e narradores da península, embora se remeta para uma legitimação procedente do campo galego, e se procure a causa do escasso relevo do seu nome para o resto de Espanha no enorme “déficit existente en el conocimiento mutuo de las diversas culturas que comparten el suelo ibérico” (Dossier: 78).

Por outro lado, algumas das mais estridentes declarações de Ferrín contra Pessoa e Saramago, já aludidas aqui, que desde a página 38 do *Público* me esfriaram um café matinal de quinta-feira em Lisboa, foram proferidas no contexto da I Semana da Galiza na capital lusa (1-7 de Dezembro de 1991), organizada pelo governo galego (que presidia e, por enquanto, preside Manuel Fraga Iribarne). Ferrín apresentou a versom portuguesa de *Breta*, fazendo parte de um programa em que se apresentavam outros livros “galegos” (*Tirano Banderas* de Valle Inclán, *Os Paços de Ulloa* de Pardo Bazán, *História da Galiza* de Villares), com teatro do CDG, concertos, passagem de modelos... Ferrín fazia parte daqueles faustos que levavam aos portugueses uma leitura da galeguidade proposta desde posições bem diferentes ao que, aparentemente, vem defendendo o autor em foco. Este exemplo, que nunca pretende contestar o direito do escritor a representar a nossa literatura em qualquer contexto a que seja chamado, só quer ilustrar como o seu lugar central no campo literário galego recebe o apoio de vectores vindos também de aquelas posições opostas aos “valores” ideológicos reconhecidos na sua obra literária, vectores que foram contribuindo amplamente à sua campanha “nobilitante” e que incluem de o campo espanhol até aos representantes políticos da espanholidade na Galiza. A academização que se está realizando ultimamente com Ferrín ainda deve dar daqui a alguns meses mais elementos objectivos para medir este apoio indistinto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antón = Méndez Ferrín, X. L. (1989³): *Antón e os inocentes*, Barcelona, Sotelo Blanco (1ª edição em Xistral, 1976).
- Arrab = Méndez Ferrín, X. L. (1983²): *Arrabaldo do norte*, Vigo, Galaxia (1ª edição de 1964).
- Arrai = Méndez Ferrín, X. L. (1991): *Arraianos*, Vigo, Xerais.
- Artur = Méndez Ferrín, X. L. (1984³): *Amor de Artur*, Vigo, Xerais (1ª edição de 1982).
- BENS = Méndez Ferrín, X. L. (1980): *Poesía enteira de Heriberto Bens*, Vigo, Xerais.
- Blanco, C. (1994): “A espiral permanente: Aproximación á figura literaria de X. L. Méndez Ferrín”, *Anuario de Estudios Literarios Galegos-1993*, Vigo, Galaxia, 11-45.
- Bourdieu, P. (1996): *As Regras da Arte. Génese e Estrutura do Campo Literário*, Lisboa, Presença [Título original: *Les Règles de L'Art. Genèse et Structure du Champ Littéraire*, Paris, Éditions du Seuil, 1992].
- Breta = Méndez Ferrín, X. L. (1987): *Bretaña, Esmeraldina*, Vigo, Xerais.
- CANTO = Méndez Ferrín, X. L. (1982): *O fin dun canto*, Corunha, Ediciones Nos.
- Capelán Rey, A. (1985): “Invitación á narrativa, por Luciano Rodríguez”, *Grial* 88, 249.
- Carvalho Calero, R. (1985a): “O problema ortográfico”, *Agália* 2, 127-134.
- Carvalho Calero, R. (1985b): “Para umha história da ortografía galega. A ponencia de 1979”, *Agália* 2, 223-233.
- Catach, N. (1993⁵): *L'Orthographe*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Crepú = Méndez Ferrín, X. L. (1990⁸): *O crepúsculo e as formigas*, Vigo, Xerais (a 1ª edição é de 1961).
- Cróni = Méndez Ferrín, X. L. (1982): *Crónica de nós*, Vigo, Xerais (a 1ª edição é de 1980).
- Documenta= VV.AA. (1992): “Documentação e Informação”, *Agália* 30, 291-293.
- Dossier= VV.AA. (1997): “Dossier: Galicia, tierra de letras”, *Quimera* 158-159, 37-132.
- Elips = Méndez Ferrín, X. L. (1974): *Elipsis e outras sombras*, Vigo, Galaxia.
- ESTIRPE = Méndez Ferrín, X. L. (1994): *Estirpe*, Vigo, Xerais.
- Estudo Crítico= AGAL-Comissom Lingüística (1983): *Estudo Crítico das Normas ortográficas e morfolóxicas do Idioma Galego (ILGA-RAG)*, Corunha, Associação Galega da Língua.
- Galego.1= Instituto da Lingua Galega (1980⁴): *Galego 1*, Universidade de Santiago de Compostela (a 1ª edição é de 1971).
- Gonçalves, M. F. (1992): *Madureira Feijó- Ortografista do século XVIII (Para uma História da Ortografia Portuguesa)*, Lisboa, ICALP.
- Gramática.1= Academia Española, Real (1973): *Esbozo de una Nueva Gramática de la Lengua Española*, Madrid, Espasa-Calpe (citamos pola 7ª reimpressão, de 1981).
- Gramática.2= Álvarez, R.; Monteagudo, H.; Rigueira, X.L. (1986): *Gramática Galega*, Vigo, Galaxia.

- Gramática.3= Cunha, C.; Lindley Cintra, L. F. (1987⁴): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- Granger, G. (1982): “A quoi servent les noms propres?”, *Langages* 66, 21-36
- Guia= AGAL-Comissom Lingüística (1988): *Guia Prático de Verbos Galegos Conjugados*, Corunha, Associação Galega da Língua.
- Lopes, S. R. (1994): *A Legitimação em Literatura*, Lisboa, Cosmos.
- Manual= Castro Lôpez, M. (1998): *Manual de Iniciaçom à Língua Galega*, Ferrol, Fundação Artábria.
- Molino, J. (1982): “Le Nom Propre dans la Langue”, *Langages* 66, 5-20.
- Monteagudo, H. (1985): “Dez anos de poesía galega: 1975-1985”, *Grial* 89, 268-297.
- Moreno, M^a V. e Rábade, X. (1985): *Literatura Século XX, iniciación universitaria*, Galaxia.
- Nóbel= S./A. (1999): “A candidatura de Ferrin ao Nobel ten xa o apoio da FEGAMP e do BNG ourensán”, *A Nosa Terra* 871, 26.
- Normas= Instituto da Língua Galega-Academia Galega, Real (1982): *Normas ortográficas e morfolóxicas do idioma galego*, Vigo (citamos pola 12^a edición, de 1995).
- Pariente, J.-C. (1982): “Le nom propre et la prédication dans les langues naturelles”, *Langages* 66, 37-65.
- Perci = Méndez Ferrín, X. L. (1983³): *Percival e outras histórias*, Vigo, Galaxia, (a 1^a edición é de 1958).
- Peres Rodrigues, J. H. (1999): “Para umha clasificación e avalizaçom dos sistemas gráficos: os sistemas gráficos do galego-português e do espanhol”, *Agália* 57, 103-129.
- Piñeiro, R. (1971): “Retorno a Tagen Ata, por X.L. Méndez Ferrín”, *Grial* 32, 238-239.
- PóLVORA = Méndez Ferrín, X. L. (1978): *Con pólvora e magnolias*, Santiago de Compostela, Imprenta Minerva (a 1^a edición é de 1976).
- Portas, M. (1997³): *Língua e sociedade na Galiza*, A Coruña, Bahía Edicións.
- Prontuário= AGAL-Comissom Lingüística (1985): *Prontuário Ortográfico Galego*, Corunha, Associação Galega da Língua.
- Queizán, M^a X. (1979): “A nova narrativa galega ou a loita contra o sentimentalismo”, *Grial* 63, 67-80.
- Quiroga, C. (1987): “Sibila, de Méndez Ferrim”, *Agália* 12, 438-445.
- Quiroga, C. (1996): “Pessoa miserável, Ferrín? (à volta de Ortografía, Vocabulário e questons lexicométricas)”, *Actas do IV Congreso Internacional da Língua galego-portuguesa na Galiza* (Vigo, Outubro-Novembro 1993), A Corunha, AGAL, 289-306.
- Retor = Méndez Ferrín, X. L. (1987²): *Retorno a Tagen Ata*, Vigo, Xerais (a 1^a edición é de 1971).
- Rodríguez, L. (1983): *Invitación á narrativa-Antoloxía da narrativa actual*, Vigo, Xerais.
- Salgado, X. M. (1985): “O devalar poético de X.L. Méndez Ferrín”, *Grial* 88, 171-178.
- Salgado, X. M. (1995): “X.L. Méndez Ferrín. Estirpe”, *Colóquio/Letras* 137/138, 246-247.
- Salgado, X. M. e Casado, X.-M. (1989): *X.L. Méndez Ferrín*, Barcelona, Sotelo Blanco.
- Seitura = Colectivo Seitura (1984): *Literatura Galega* (manual de 3^o de BUP), Vigo, Xerais.
- Soto= VV.AA. (1992): “Posición «Luís Soto»”, *A trabe de ouro* 9, 157-162.

- Tarrío Varela, A. (1983): “A semántica difuminada de Méndez Ferrín”, *Grial* 81, 361-367.
- Torres, E. (2000): “Relaçons culturais Galiza Portugal”, *Enclave* 6 , 13-19 (no prelo).
- Tristán, P. (1999):“A Xunta, líder editorial en castelán-Radiografía do libro”, *Tempos Novos* 20, 26-32.
- Vázquez Cuesta, P. (1980): “Literatura gallega”, *Historia de las literaturas hispánicas no castellanas*, Madrid,Taurus.
- Veiga, M. (1999): “A literatura galega non existe en Madrid”, *A Nosa Terra* 872 (04.03.1999), 35.

PÚBLICO E EMPRESAS EDITORAS NA POESÍA GALEGA ENTRE A FUNDACIÓN DAS IRMANDADES DA FALA E A GUERRA CIVIL

Arturo Casas

Universidade de Santiago de Compostela

Con recoñecemento e fondo afecto, Prof. Varela Jácome

Ignoramos cuántos lectores de poesía galega había en torno a 1916. Non serían moitos, pero quizais algúns máis dos que de entrada conxecturaríamos. *A Nosa Terra*, por exemplo, que contaba desde o inicio da súa actividade con dous mil subscritores, incorporou xa en novembro daquel auroral ano 16 a sección “Os poetas d’agora”, ocupada nas primeiras comparecencias por Ramón Cabanillas, Florencio Vaamonde, Eladio Rodríguez González e outros escritores de actualidade. Un xornal católico e conservador como *El Compostelano*, fundado en 1920 e con actividade ata 1946, destinaba tamén unha sección fixa, “Página poética”, a espallar a lírica, tanto en lingua galega como castelá. *Nós*, que tivo unha tiraxe máxima de cincocentos exemplares, abría todos os seus números cun poema, sendo escasísimas as excepcións á norma.

Calquera axente ou elemento dos que entran nas parcelas da institución e o mercado literarios –público, crítica, editores...– está en dependencia directa con trazos históricos aos que non pode ser alleo. Antón Figueroa (1988) ten chamado a atención sobre o feito de que en situacións diglósicas o funcionamento dos textos implica unha fundamentación do público lector en canto *grupo*, destacando que ese *público-grupo* tende a unha configuración uniformizadora e escasamente pluralista, o cal ten consecuencias tan relevantes como a redución [108] da alteridade do texto e a nivelación dos códigos postos en uso, ou como a inexistencia dunha progresión nas esixencias ou nas demandas dos lectores: non hai *traxectoria* propiamente dita de textos nin de público, non hai lugar á imprevisibilidade. Nunha liña de investigación non diverxente, Xoán González-Millán (1995) falou incluso da existencia, no marco do que el define como *nacionalismo literario*, dun *Macro-Texto* ou arquitexto virtual que funcionaría como espacio simbólico de integración das sucesivas creacións literarias, “recibidas como versións dun mesmo e único Texto” (p. 79) cuxa autoría última cabería adxudicar ao pobo, ao *espírito da raza*.

De aí mesmo deriva con toda probabilidade un sentimento moitas veces expreso nas palabras dos poetas de musa popular, o de recoñeceren a escasa valía artística das súas contribucións; un xuízo, doutra parte, que a miúdo se axusta certeiraamente á realidade. Pero agora non se trata diso, senón de emprazarnos esa pauta desde unha perspectiva poético-histórica. O devandito xuízo respondería, pois, non tanto á tópica tradicional da humildade como á convicción de que aquilo que se ofrecía á lectura pública acadaba un número non desprezable de destinatarios, ou en definitiva devíña popular, precisamente pola de-

cisiva renuncia á excelencia poética, por se instalar no territorio do esteticamente baixo, xusto na fronteira das manifestacións anónimas do folclore. Trátase, como pode constatare, dunha comprensión do fenómeno artístico que engarza cos postulados idealistas de Herder, tan fructíferos na recepción que deles fixeron os románticos alemáns. Esta comprensión da actividade literaria e do propio estatuto da autoría non era, por outra parte, a mellor plataforma para o distanciamento elitista que sempre agromou nas artes e na poesía deshumanizadas e vangardistas desde as primeiras esculcas postimpresionistas.

Nos prólogos das obras publicadas en Galicia no segmento temporal que vai de 1916 a 1936 sobran testemuños da asunción dese espírito e doutras pautas de actuación, que pola información que fornecen sería absurdo desbotar como fonte. Un deses limiares, riquísimo en contributos para unha lectura semiótico-cultural, é o escrito por Prudencio Rovira para o seu libro *Hirmandade!* (1918), do que destacaremos agora só o parágrafo de peche: “O principal é qu’os meus versiños cheguen ô curazon do pobo qu’os inspirou, o ergan e o dispoñan pr’as angueiras do seu resurdimento” (p. 20). Outro prólogo que se instala nunha tesitura [109] similar é “Pra comezar”, da vilalbesa Carmen Prieto Rouco. Nel administra a tópica da humildade común a esta clase textual:

non miredes en *Horas de frebe* máis que un pálelo refrexo d’unha alma namorada de tod’o belo e fermoso; non miredes n’iste libro máis que os acentos tristes d’unha yalma cargadiña d’amor’e de poesía...; pro con muy poucos alentos pra descifrar o que sente; pra traducir os ímpetus briosos d’o corazón que a obrigan a emborroar papés e papés, pra cantar, con voz apagada, algo d’o que a forza d’a inspiración non lle deixa calar. (p. 9)

Cabo das pertinentes alusións á Rosalía que se vira nunha situación parecida na hora de escribir as páxinas preliminares de *Follas novas*, a xove escritora desenvolvía o que poderíamos describir como o *pathos* do prístino. O ton confesional predomina cando revela que algúns dos poemas que incorpora neste libro de 1926 escribíraos contando só trece anos de idade. Pero queremos chamar a atención sobre o apuntamento que se adxunta a esa confidencia. Prieto dinos que corrixiu moi escasamente a súa escrita antes de dala ao prelo; mesmo a dos anos de primeira adolescencia permaneceu intocada. Velaí o *topos* da pureza expresiva, da palabra non poluída, rendida só a un “fondo sentir galego” lexitimador de calquera intervención. Prudencio Rovira non se afasta dese xeito de comprender a creatividade poética cando bota man dunha suposta *espontaneidade*, por el equiparada á de quen recolle entre as mans, para bebelas, a auga dunha fontenla montesía.

Establecermos unha análise da poesía producida en Galicia nestes anos esixe, desde a perspectiva que aquí se vai propugnar, unha delimitación mínima daquel *público-grupo* e do espacio simbólico *arquitextual*. A preeminencia da linguaxe descritiva e da adecuación testemuñal entre referentes reais e *traslación* literaria nesa poesía (coas excepcións que se queira considerar) garda unha perfecta consonancia co visto por Antón Figueroa. En termos xerais, a lectura de poemas foi naquela altura histórica a penas un exercicio de autorrecoñecemento nun espacio común, o cal promoveu a hipóstase de certos lugares privilexiados de mostración dun *nós* participativo, moi habitualmente ruralizante (romarías, adros, montes...), anque abrindo unha dimensión existencial para a pescuda dos vínculos entre o espírito individual e a paisaxe, ou entre aquel e unha condición de vida tan concreta coma habitual no escenario socio-económico da Galicia daquel tempo, a emigración. Nun sentido [110] bakhtiniano, eses lugares preferentes, alicerzados nos *Cantares gallegos* rosalianos, de 1863, pero tamén nas *Saudades gallegas* (1880) e *A musa das al-*

deas (1890) de Lamas Carvajal, acabaron por emanar recendo de *cronotopos*, por canto despregaron unha temporalidade e unha temática *ad hoc*, que nos permiten entendernos cando apelamos, por exemplo, a unha *poesía de romería, de parrafeo, de fiada ou de emigración*.

Resulta moi diáfano, baixo o prisma ao que nos estamos a acoller, o prólogo de Prudencio Canitrot a *Ventureiras* (1909), poemario do que foi autor Ricardo Barros Pintos. Malia se tratar dunha obra anterior ao segmento temporal que aquí estudiamos, ofrece pistas interpretativas de grande utilidade. En particular, traza con soltura e franqueza as coordenadas habituais do que supuña ler poesía galega naqueles anos iniciais do século XX. Abstraéndonos da polémica que establece cun poeta e crítico do momento, suposto inimigo da literatura *rexional*, o que interesa é o perfil debuxado en torno á especificidade de fenómeno literario en Galicia, que o prologuista defende como independente e singular, a diferenza –observa– do que acontece coas letras portuguesas ou catalanas. Apelando á raza, recurso nada infrecuente no contexto histórico rexionalista, e ignorando calquera estigma producido pola tensión diglósica, Canitrot sinala no predominio do sentimento a nota característica que nos identificaría como pobo.

As súas premisas son de forte teor esencialista e tradicionalista e en certo xeito prelude, na esteira de esquemas por el asimilados a partir do ciclo do Rexurdimento, posteriores reflexións sobre o asunto que están na mente de todos. Menciona e asume o carácter *inxénito* da peculiar dicción poética galaica (o particular xenio da lingua, ese don), a gracia e brandura entoativas (que opón á monotónía e dureza do castelán), a combinatoria aberta de claves relixiosas e de crenzas pagás, a sobreabundancia satírica e retranqueira (aquilo que Vicente Risco designaba en 1917 como *regocijo rabelesiano*)..., pero por riba de todo iso consagra a impregnación de “la flor gentil y olorosa de la musa popular” (p. X). Tan meliflua prosa obvia, consecuente consigo mesma, calquera ollada a rumbos foráneos da lírica, e equipara panhistoricamente aos poetas autóctonos *de antes* cos *de agora*. Todos eles compartirían na ucronía extrahistórica unha específica esencia:

creo que la fresca madurez de los sanos frutos de la tradición que nacen en el alma sencilla del campesino, romancera y fabulosa como todo el [111] génio popular, sigue siendo como antes, la fuente de inspiración que á todos guía, cuya agua cantarina y pródiga dice un largo epitalamio a la sombra de las parras cuyas uvas se tuestan y endulzan con el tiempo y con el sol, y de los manzanos, cuyo fruto no madura mas que entre el lino casero. (pp. VIII-IX)

Semella que isto, e a penas isto, sería o que a maior parte dos lectores galegos dos dous primeiros decenios do século XX esperaban dun libro de poemas escrito en lingua vernácula. Aínda en 1928, o ano de *De catro a catro*, o abade de Beiro e líder agrarista Basilio Álvarez retomaba esas pautas no seu limiar á *Antología de la poesía gallega* de Álvaro de las Casas, contrastando outravolta as asperezas e a *musicalidade agresiva* da lírica de Castela ou de Cataluña coa *gracia recatada* da galega:

Cuanto leen a nuestros poetas, a los viejos que parece que traen, en sus camellos dulces y graves, la sonoridad melancólica de una lengua eternamente bella, a los del siglo XIX en el impetuoso desbordamiento de todas las gamas, sobre tapices soberbios, y, a los de hoy, que tumbaron al sol el idioma haciéndolo pasar por un cedazo sutil para tornarlo puro, igual que las madejas que en el regato saltarán se maceran a fin de que blanqueen, tienen que convenir que Galicia es el país más lírico de España. [...] Musitar versos gallegos, más que una recitación donde el ritmo vaya impostando

sus inquietudes en el alma, es ir paladeando música divina, que va produciéndose con calma horaciana, para que el espíritu se sature mansamente con grata sedación. (pp. 4-5)

Da forte presenza, en termos relativos, dun sector popular e aínda popularista da produción poética é sinxelo deducirmos qué clase de dificultades fundamentais existiron para a aparición e a lexitimación das vangardas, coa súa dialéctica invertida de palabras, imaxes, identidades..., en definitiva, coa súa *postulación e construción* (xa non mera traslación) de cousas, signos e mundos que ficaban á outra beira da fronteira da semiosfera constituída. E non só das vangardas, senón xa de calquera opción insuficientemente *virxinal e inmodulada*, que houbo a tendencia a considerar allea por principio. Péñese no modernismo.

A opción por *irmandar a fala* foi tamén unha aposta por *irmandárense* –poetas e lectores– cos resultados escritos da mesma, cos textos que reflectían vivencias íntimas e colectivas de probada enxebreza, moi próximos á área do folclore, non ficando espacio abondo para procesos de estrañamento como os vehiculados en sistemas que esgotaran programas de xorne mimetista, non habéndoo tampouco para unha automodelización [112] cultural (Lotman) discorde coa cultura efectiva, real, inmediata e cos seus costumes. Quizais por iso mesmo, aínda que o asunto posúa outras derivacións e fundamentos, houbo tan escasas iniciativas a prol da tradución de poesía ao galego, representada en formato de libro a penas por versións de clásicos latinos como Virxilio, case sempre desde mans eclesiásticas, como as de Avelino Gómez Ledo (*As églogas*, Nós, A Coruña, 1930), ou por paráfrases bíblicas, como as que forman parte de *O Cantar d'os cantares* (1922) de Avelino Rodríguez Elías. Outra cousa foi, claro, a presenza das traducións de textos líricos concretos nas publicacións periódicas daquela hora, bastante informativa por certo para unha análise feita cos presupostos dunha Poética histórica (péñese no Iglesia Alvariño que no ano 36 xa traduce a Horacio).

O ideario das Irmandades da Fala e o da revista *Nós* non deixan lugar a dúbida en relación co problema de fondo, e se pensamos que neses núcleos e nos moitos radios que deles partían se incardinou con frecuencia non só a escrita dos textos poéticos de entón senón ademais a actividade editora e aínda a crítica, entenderemos mellor os resultados dos que aquí habemos de dar conta. Cómpre ser conscientes, de calquera xeito, do transcendental xiro que se produce na cultura galega a partir dos debates nacionalistas en asembleas como a de Lugo. A multiplicación de organizacións locais das Irmandades, ata trece noutras tantas vilas e cidades en 1918, e mesmo de afiliados (sobre 700), promoveu unha natural pluralidade, con diverxencias de orde tanto programática coma estratéxica, nas que se impuxo sen grandes dificultades o sector católico-tradicionalista inspirado por Losada Diéguez e dirixido desde Ourense, e en menor medida desde Pontevedra, por Risco, Otero Pedrayo, Cuevillas, Noguerol e aínda o primeiro Castelao, en detrimento de tendencias de corte máis progresista e laicista radicadas na Coruña e noutras vilas e capitais.

Nas “Primeiras verbas” do número de presentación da revista *Nós*, aparecido o 30 de outubro de 1920, que cabe ler como unha especie de manifesto cultural con tenues implicacións sociais, podemos entrever sen dificultades algunhas das tensións que ata este momento nos ocuparon. Os editorialistas daquel boletín *da cultura galega* salientaban varios puntos que agora importa considerar: 1) o recoñecemento dun *rico polimorfismo* na produción cultural, artística e literaria do país, consoante coa propia diversidade ideolóxica e de mentalidades que estaba a agromar, [113] pero que en último termo debería some-

terse sempre ao “sentimento da Terra e da Raza”; 2) a asunción dunha responsabilidade xeracional para modificar o curso da historia de Galicia desde un credo patriótico asentado neses mesmos referentes (Terra e Raza), confluíntes na noción de *Volksgeist* ou “espírito nacional-popular”, claves que desenvolvería cumpridamente Risco en *Teoría do nacionalismo galego* (1920); 3) a identificación reflexiva e a automodelización cultural fronte á imposición ou a intermediación de modelos alleos, sen que iso supuxese un peche de fronteiras ao “pensamento dos pobos cultos”; e 4) a asimilación idealista e esencialista sobre a existencia dun “verdadeiro ser de Galizia”, coa apelación subsidiaria ao enxebrismo en canto salvagarda súa: “o Enxebrismo é a nosa orixinalidade específica, a nosa capacidade de creación, o noso autóctono dinamismo mental”.

Na primeira etapa de *A Nosa Terra* a clase de presupostos que representa en especial o punto cuarto que acabamos de ver cobra tamén unha lexitimidade de seu. Vese case en calquera das súas páxinas, en ocasións forzando incluso un afeamento dos intereses económicos ou materiais, que se defende que sempre deberían subordinarse a referencias morais na axioloxía vixente no ideario das Irmandades. Compróbesse sobre un recadro sen sinatura tomado do número 60 (10 de xullo de 1918, p. 2), que ademais revela con claridade a función que á literatura se asignaba na mesma xerarquía de valores e nos seus desenvolvementos:

Farán máis pol-o trunfo do galeguismo unha novela notabre escrita en galego, un [sic] obra de teatro xenial feita no noso idioma e unha composición de música, capaces de imponse máis aló das nosas fronteiras, que varias estradas, varios camiños viciñás ou unha granxa agrícola.

Todol-os progresos materiás non farán nada pol-a persoalidade galega. O importante é que Galicia conquira seu espírito propio. Entónces todol-os galegos, espiritualmente ridimidos, traballarán arreo por unha Galicia grande. Somente eisí o traballo colonizado trocarase en traballo patriótico.

O idealismo enxebre foi a forza creadora d’Alemania e de Cataluña.

Curiosa argumentación a do editorialista de *A Nosa Terra*, curiosa avaliación a súa sobre a necesidade de redimir o espírito antes de erguer fábricas e crear postos de traballo. Sorprendente xa a apelación a modelos como o catalán ou o alemán en canto paradigmas do idealismo enxebre, tan fondamente risquiano e inmovilista, tan empobrecedor na súa [114] sementeira de pexas e lastres históricos. De tódolos xeitos, é ben sabido que houbo de sempre no movemento galeguista pensadores que defendían unha comprensión máis pragmática da realidade do país. Porteiro Garea foi un dos primeiros.

Todo o que vimos anteriormente sobre a axialidade do popular/enxebre na poesía galega desta etapa merecería algunhas precisións, que serán abordadas só a grandes trazos e que demandan a consideración de cifras e outras referencias vinculadas cunha socioloxía empírica do libro e do consumo literario. Ningunha das conclusións que do seu estudio se poden tirar resultará sorprendente para o coñecedor da nosa historia literaria, pois converxen todas elas nunha clave palmaria, a da desarticulación do sistema literario galego na etapa de entreguerras. Con todo, non son poucas as facianas que adquiren unha significación particular, mellor contrastadas cando as sometemos á precisión dos datos.

No tocante á edición, antes de nada, convén tomar nota das peculiaridades do mapa editorial sobre o que se ergue a publicación de poemarios. Fixémonos en primeiro termo na multiplicación de focos xeográficos de edición dos cento catorce folletos ou libros de

poemas dos que temos constancia para o período 1916-1936¹: hai, como mínimo, dezaoito lugares de edición, pertencentes a catro estados diferentes (ou cinco, se se considera a dobre asignación, París e Lisboa, do libro *Xente d'a Aldea*, de Alfredo Pedro Guisado, publicado polas Livrarias Aillaud e Bertrand). A atribución é a seguinte: vinte e catro libros en Santiago de Compostela, vinte e un na Coruña, catorce en Madrid, doce en Lugo, nove en Ourense, cinco en Pontevedra, catro en Buenos Aires e Ferrol (hai tamén catro sen localización expresa), tres na Habana, Mondariz e Mondoñedo, dous en Vigo e un en Vilagarcía, Betanzos, Ortigueira, Vilalba, París e Ribadavia.

Esta proliferación de lugares de edición garda consonancia coa que se rexistra no elenco de autores de libros poéticos. Para os cento e catroce [115] títulos indicados hai nada menos que oitenta e un nomes de autor ou autora. Por razóns históricas que non precisan maior abundamento, foi común o caso do poeta bilingüe, con libros publicados en castelán ademais de en galego. Varela Jácome (1951) elaborou unha completa relación na súa *Historia de la literatura gallega*.

Fixarémonos de seguido na distribución porcentual das distintas casas editoras, tendo presente que en moitas ocasións estamos referindo tan só o nome e a localización da imprenta na que o libro foi composto, e, ademais, que non era raro que tal composición fose o froito dunha autoedición custeada polo propio autor ou polos seus achegados, que acudían quizais ao impresor que tiñan máis próximo ou ao que lles presentaba un orzamento menos oneroso. É ilustrativo desta clase de hábitos o que o moi novo poeta Manuel Canto Lorigo escribía no limiar ao seu poemario *D'a terra*, imprentado en Mondoñedo no ano 1918. Nel comparecen ademais as pautas de humildade que xa coñecemos:

Empecei a facer versos, mal feitos desde logo, pro que a amabilidade d'o púbreco soupo acoller de bon xeito; por eso non me cansarei de donarlle as gracias. Un preclaro amigo que teño, aconselloume dar a luz esta obra, pro eu non quixen. Tanto foi o que me insistiu que non tiven máis remedio que acceder a porparala. Unha vez acabada de faguer, aínda vacilaba en imprimila, pro agora xa vai, confiando n-a benevolencia d'os leutores, ôs que lles suprico indulxencia... (p. 7)

A distribución que anunciabamos é relevante polo que informa encol da vertebración da feble industria editorial do momento e sobre a súa dispoñibilidade a estampar textos poéticos, algo que como é sabido nunca foi un bo negocio, nin sequera para empresas periodísticas como El Noroeste, da Coruña, ou La Región, de Ourense, que contaban coa posibilidade de publicitar os produtos propios. Sabemos ademais por estudos de socioloxía do libro que nas librerías daquel tempo non sempre se reservaba un espazo para os libros escritos en galego. Anxo Tarrío (1996: 19) lémbra-nos que o reparto de exemplares pola xeografía do país dependía en alta medida da colaboración de amigos ou camaradas do autor, “pues los libreros apenas colaboraban en la empresa galleguista”.

Como é lóxico, os títulos publicados fóra –en Madrid, Buenos Aires ou A Habana– saíron de prelos moi diversificados. Non se rexistra neses ámbitos ningunha clase de centralización chamativa. E algo semellante cabe indicar en relación coas vilas galegas, detalle condicionado xa pola [116] propia escaseza das publicacións poéticas impresas neses lu-

¹ A base para o cálculo tómasse de Vilarinho Pintos e Pardo Gómez (1981: 95-134), cuxos datos precisan só lixeiras matizacións. Inclúense no cómputo, ademais dos libros poéticos monolingües, tamén os que non son de redacción íntegra en galego e, así mesmo, os que suman partes poéticas a outras de carácter narrativo e/ou dramático, ás veces moi descompensadas en favor da fracción non lírica. Excluíronse en cambio as reedicións de libros aparecidos con anterioridade a 1916, agás nos casos nos que a nova edición supuxo unha corrección ou ampliación de textos por vontade autoral.

gares, que malia todo acada un dez por cento do total. Interesa insistir en calquera caso no feito de que a constitución de editoriais en Galicia á marxe das empresas tipográficas foi un fenómeno lento, rexistrado só en núcleos de poboación importantes ben entrado o século XIX e que partiu moitas veces da simple división empresarial en dous sectores complementarios, como é o caso dos editores coruñeses Martínez Salazar, Carré ou Latorre Martínez (Barreiro Fernández, 1982, III: 152).

A situación descrita varía en canto observamos o acontecido nas cidades. En Santiago de Compostela, A Coruña, Lugo ou Ourense— lugares onde se imprimiron tres de cada cinco libros dos rexistrados— si que se observa unha relativa concentración de pés editoriais, que de todas formas nunca chegou a consolidar a existencia de coleccións de poesía propiamente ditas, algo que tería resultado determinante para a conformación dun público mínimo e para o incremento paulatino de subscricións e lectores. En efecto, non era aquela a hora máis propicia para o asentamento desa clase de coleccións literarias, que sen embargo gozaban de maior proxección e difusión cando se centraban na edición de ficcións en prosa (a colección Lar tiraba tres mil exemplares de cada número, que se vendían a trinta céntimos e se esgotaban en breve prazo). É ilustrativa a este respecto a curta xeira da serie Galaxia, auspiciada en Ourense no ano 1926 por Augusto María Casas e Cándido Fernández Mazas e que anunciaba no seu segundo e derradeiro número a saída de inéditos dos poetas galegos máis relevantes do momento, e incluso un número extraordinario dedicado á lírica contemporánea; todo en prevista alternancia —o apuntamento é meridiano polo que informa— con entregas de dramaturgos, ensaístas e narradores.

Téñase presente asemade a excepcionalidade da reimpresión dos libros de poemas aparecidos entre 1916 e 1936. Lograron esa especie de galardón só unhas poucas obras: *Da terra asoballada*, de Ramón Cabanillas, con edicións en 1917 e 1926; os *Versos gallegos* de Cabo Pastor, con edicións en 1919 e 1929; *Sulco e vento*, de Augusto María Casas, que saíu do prelo en 1931 e 1936; *Do ermo*, de Noriega Varela, en 1920 e 1929, aquí con ampliación de textos; e, finalmente, a *Antología de la lírica gallega* preparada por Álvaro de las Casas, que entre 1928 e 1939 contou con tres edicións, madrileñas as dúas primeiras e bonaerense a terceira. Nin sequera *De catro a catro* (1928), no que o editor Ánxel Casal sinalaba o [117] maior éxito comercial da Editorial Nós entre os libros de poemas, acadou unha segunda edición ata que Emecé o imprimiu en Buenos Aires no ano 1940.

En Compostela e A Coruña foi Nós, con doce e dez libros respectivamente, a casa editora con maior presenza no período investigado. Adquiren esas cifras maior relevo se consideramos que a actividade editora da empresa de Ánxel Casal non encetou a súa andaina ata o ano 1928. Destacan así mesmo, aínda que a distancia, os dous libros impresos polo Seminario Conciliar Central de Compostela (aos que, sen saírmos do marco clerical, hai que engadir outros tantos de El Eco Franciscano) e os catro de El Eco de Santiago. A cota de tres foi acadada polas casas coruñesas El Noroeste e Zincke Hermanos. En Ourense chaman a atención os cinco libros compostos nos talleres de La Región. En Lugo, os seis de Manuel G. Palacios, os tres de Gerardo Castro e os dous de La Voz de la Verdad.

Existen xa que logo catro sectores ben diferenciados no eido que estamos a considerar. O principal é o que establece algunha clase de vínculo co galeguismo nacionalista, ben que fose de mera simpatía ou hospitalidade. En segundo lugar figuran os títulos saídos dos talleres de empresas periodísticas de diverso signo ideolóxico e partidario, en todo caso non nacionalista. En terceiro termo están os libros promovidos desde instancias relixiosas, que non necesariamente incorporaron unha temática ou unha orientación moral subordinadas de xeito palmario a posicións doutrinarias católicas, pero que tampouco se

pode dicir que fosen alleas ás mesmas ou ás súas derivacións sociopolíticas, como sobradamente contribúe a probar o laborioso esforzo do boletín *El Eco Franciscano* nos anos da Guerra Civil e da primeira posguerra, entregado con fervor ao nacional-catolicismo de Franco segundo ten documentado Alonso Montero (1997); e, en sentido inverso, cómpre facer explícita a consideración de que fóra do marco institucional da Igrexa Católica producíronse numerosas obras de forte impregnación cristiá (pénsese nun poeta como Ramón Cabanillas). Finalmente, habería un grupo heteroxéneo de publicacións nadas de iniciativas varias nas que aquí non nos imos deter.

O primeiro sector está representado mesmo polas Irmandades da Fala, que desde a súa organización betanceira sufragaron en 1918 a edición dos textos correspondentes aos *Xogos froraes* que convocaran [118] previamente. Hai que salientar tamén a breve comparecencia da editora ferrolá Céltiga, que dirixida por Xaime Quintanilla deu ao prelo en 1922 o libro de Eladio Rodríguez González *Raza e terra*; ou o padroádego polo Seminario de Estudos Galegos do libro de Ramón Cabanillas *A rosa de cen follas* (Mondariz, 1927); así como a acollida do *Proel* de Amado Carballo pola pontevedresa Alborada en 1927, a coparticipación de Risco, Losada e Noguerol como editores de *Do ermo* (1920), de Noriega Varela e algunhas outras operacións semellantes. Certamente relevante foi o papel xogado polo editor salmantino radicado en Lugo Manuel González Palacios, o impresor de *Ronsel*, quen como lembraba Correa Calderón (1982), era un home aberto ás innovacións técnicas e tipográficas esixidas pola publicación de libros de poesía ou revistas de arte (algo que se deixa notar, por exemplo, en *Cantaruxando*, segundo poemario de Amador Iglesias Soto). Entre Lugo e Mondoñedo actuaron a Editorial Un de Álvaro Cunqueiro e a Oficina Lírica do Leste Galego, á que debemos tres importantes obras estampadas en 1933 e 1936, os *Poemas do si e non*, do propio Cunqueiro, *Corazón ao vento*, de Iglesia Alvariño, e *Primeiras cantigas do amor*, de Díaz Jácome.

Por riba doutras consideracións, cómpre resaltar neste capítulo o nome de Ánxel Casal, editor de *A Nosa Terra* e de *Nós*, quen desde as sedes coruñesa e compostelá da Editorial Nós imprimiu vintedous libros de poemas entre 1928 e 1936, algúns deles da transcendencia de *Firgoas*, *Orballo da media noite*, *Nao senlleira*, *Mar ao Norde*, *Bebedeira*, *Seis poemas galegos* ou *De catro a catro*. A esa cantidade habería aínda que engadir os tres libros (contada a segunda edición de *No desterro*) que Ramón Cabanillas escribiu en 1925 e 1926 para o selo Lar, onde Casal se ocupaba da xerencia xunto con Leandro Carré Alvarellos. Quere isto dicir que case un de cada catro libros de poesía do período 1916-1936 que aquí se analiza –case un de cada dous se restrinximos este aos anos 1928-1936– tivo detrás o labor profesional deste extraordinario editor coruñés e militante do Partido Galeguista, que en marzo de 1936, recién elixido alcalde de Santiago pola Frente Popular, acolleu no Pazo de Raxoi a asemblea da primeira Asociación de Escritores do país, legalmente constituída no verán de 1930 baixo a presidencia de Otero Pedrayo aínda que con moi escasa actividade ata o novo pulo do 36, entón baixo presidencia de López Abente e sempre mercé aos esforzos e á convicción de Antón Villar Ponte e Álvaro de las Casas (Capelán Rey, 1994: 229-273; [119] Castro, 1985: 764-765). Casal foi asasinado polo fascismo, como moitos dos mellores homes e mulleres daquela encrucillada histórica, entre eles outro editor de poesía, o citado Xaime Quintanilla.

Tras o cúmulo de libros poéticos asociados dun ou doutro xeito ao ideario galeguista, que representa máis dun tercio do total, sitúanse os relacionados con imprentas da propiedade de medios periodísticos, entre outros *El Noroeste* (da Coruña, con tres libros), *La Región* (Ourense, cinco libros), *La Voz de la Verdad* (Lugo, dúas entregas), *El Eco de San-*

tiago (Compostela, catro), *El Correo Gallego* (Ferrol, dúas) ou *El Diario de Orense* (Ourense, unha). Coas excepcións cuestionábeis de *El Noroeste* e *El Correo Gallego*, trátase de prensa conservadora de filiación fundamentalmente católica, antiliberal e monárquica, ás veces conectada mesmo con movementos tradicionalistas ou carlistas (*La Voz de la Verdad*), ou coa CEDA nos anos da Segunda República (*La Región, La Voz de la Verdad*). En calquera caso, é bastante ancha a distancia, nos diversos parámetros que se queiran considerar, entre os valores que pode representar o moi reaccionario crego Teolindo Cortiña no seu *Caciquismo en solfa* (1923) e, por exemplo, o arcebispo Lago González, por non falarmos de poetas como Florencio Vaamonde ou Victoriano Taibo, autores todos de libros saídos do prelo de empresas periodísticas.

O terceiro núcleo está definido pola dependencia de imprentas da propiedade da Igrexa Católica –nas súas dimensións secular, regular ou seglar– radicadas en Santiago (El Eco Franciscano, Seminario Conciliar) ou en Madrid (Asilo do Sagrado Corazón, Asilo Porta-Coeli, Centro Social de Acción Católica...). Nalgunha ocasión, como a que representa El Eco Franciscano, tamén con conexións periodísticas, segundo xa se suxeriu. Neste círculo hai que situar sobre todo a obra dalgúns poetas que seguiron a carreira eclesiástica (Caba da Vázquez, Crecente Vega, Eiján Lorenzo, Gómez Ledo, Posse Rodríguez e Trapero Pardo), culminada ou non na ordenación sacerdotal. Tamén o curioso caso do políglota catalán Miquel Ventura, seguidor das opcións ortográficas de Aureliano Ribalta no seu libro *Fala armoñosa, non morreràs!*, de 1916.

[120] BIBLIOGRAFÍA

- Alonso Montero, Xesús (1997): *Os poetas galegos e Franco (Estudio e antoloxía)*, Madrid, Akal.
- Álvarez, Basilio (1928): “Prólogo” a Álvaro de las Casas (ant.), *Antología de la lírica gallega*, Madrid, Compañía Ibero-Americana de Publicaciones, 3-6.
- Barreiro Fernández, Xosé Ramón (1982): *Historia contemporánea de Galicia*, 4 vols., A Coruña, Ediciones Gamma.
- Canitrot, Prudencio (1909): “Prólogo” a Ricardo Barros Pintos, *Ventureiras*, Pontevedra, Barros Hno., VII-XIV.
- Canto Lorido, Manoel (1918): *D’a Terra*, Mondoñedo, E. Mancebo.
- Capelán Rey, Antón (1994-1996): *Contra a Casa da Troia. Cultura e sociedade no Santiago dos anos trinta*, 2 vols., Santiago de Compostela, Laivento.
- Castro, Xavier (1985): *O galeguismo na encrucillada republicana*, 2 vols., Ourense, Deputación de Ourense.
- Correa Calderón, Evaristo (1982): “Cincuenta años después. Pequeña historia de una revista”, en *Ronsel. Revista de Arte*, edición facsimilar, Barcelona, Sotelo Blanco, XXV-XXVI. Publicado orixinalmente en 1975, no número conmemorativo do cincuentenario de Ronsel.
- Figuroa, Antón (1988): *Diglosia e texto*, Vigo, Edicións Xerais.
- González-Millán, Xoán (1995): “Do nacionalismo literario a unha literatura nacional. Hipóteses de traballo para un estudio institucional da literatura galega”, *Anuario de Estudios Literarios Galegos* 1994, 67-81.
- Prieto Rouco, Carmen (1926): *Horas de frebe. Poesías galegas. Monólogos representables*, con prólogo de Ramón Ferreiro Lago, Vilalba, El Progreso Vilalbés.

- Rovira, Prudencio (1918): *Hirmandade! Poemiña de revolta*, Madrid, Viuda de Pueyo.
- Tarrío Varela, Anxo (1996): “La formación del canon literario gallego”, *Ínsula* 600, 18-22.
- Varela Jácome, Benito (1951): *Historia de la literatura gallega*, A Coruña, Porto & Cía.
- Vilariño Pintos, Daría, e María Virtudes Pardo Gómez (1981): *O libro galego onte e hoxe. Catálogo da exposición bibliográfica. Santiago, maio-xuño 1979*, Santiago de Compostela, Universidade de Santiago de Compostela.